



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Iara da Silva de Oliveira e Souza

**O aspecto verbal em *Vidas Secas*:
subsídios gramaticais para o estudo da construção narrativa**

Rio de Janeiro

2012

Iara da Silva de Oliveira e Souza

**O aspecto verbal em *Vidas Secas*:
subsídios gramaticais para o estudo da construção narrativa**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

S729	<p>Souza, Iara da Silva de Oliveira e. O aspecto verbal em Vidas secas: subsídios gramaticais para o estudo da construção narrativa / Iara da Silva de Oliveira e Souza. – 2012. 98 f.</p> <p>Orientador: José Carlos Santos de Azeredo. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Ramos, Graciliano, 1892-1953. Vidas secas - Teses. 2. Análise do discurso narrativo - Teses. 3. Língua portuguesa - Aspecto – Teses. 4. Língua portuguesa - Gramática - Teses. 5. Língua portuguesa - Verbos - Teses. 6. Língua portuguesa - Semântica - Teses. I. Azeredo, José Carlos de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 806.90-541.45</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Iara da Silva de Oliveira e Souza

**O aspecto verbal em *Vidas Secas*:
subsídios gramaticais para o estudo da construção narrativa**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 29 de março de 2012.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo (Orientador)
Instituto de Letras da UERJ

Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto
Faculdade de Letras da UFRJ

Prof. Dr. André Crim Valente
Instituto de Letras da UERJ

Rio de Janeiro

2012

DEDICATÓRIA

A meus pais, Thereza e Jorge, por tudo quanto fizeram por mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha existência!

À minha família, pelo carinho e por ser meu porto seguro!

Aos professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, pela generosidade em me mostrar o saber científico:

Ao Prof. Dr. José Carlos dos Santos de Azeredo, meu orientador, em especial, pela delicadeza em me fazer entender a semântica do Tempo!

Ao Prof. Dr^o. André Crim Valente

À Prof^a Dr^a. Darcília Marindir P. Simões

À Prof^a Dr^a Maria Teresa Gonçalves Pereira

À Prof^a Dr^a Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu

À Prof^a Dr^a Fernanda Lemos de Lima

Ao Prof. Dr^o. Cláudio Cezar Henriques

À Prof^a Dr^a Sandra P. Bernardo

Obrigada a todos!!!

EPÍGRAFE

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez!

João 5,1

RESUMO

SOUZA, Iara da Silva de Oliveira e. *O aspecto verbal em Vidas Secas*: subsídios gramaticais para o estudo da construção narrativa. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2012.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a categoria do tempo interno – ou aspecto verbal – na organização narrativa do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Repassa-se criticamente, com base na leitura de algumas obras representativas, a contribuição tradicional ao estudo desse conceito, mesmo nos casos em que não é identificado pelo termo ‘aspecto’. Em seguida, foram abordados a conceituação da categoria do aspecto verbal e alguns conceitos sobre a semântica do perfectivo e do imperfectivo segundo estudos empreendidos por linguistas diversos. Abordou-se ainda a variedade de meios de expressão do aspecto: o lexical, o sintático, o derivacional e o flexional. No segundo momento, procedeu-se a uma análise da funcionalidade textual do aspecto como recurso de organização do texto narrativo. Para tanto, foram levados em conta os conceitos de gênero textual e de modo de organização do discurso. Estes comentários tiveram por objeto o primeiro e o nono capítulos do romance, respectivamente *Mudança* e *Baleia*.

Palavras-chave: Organização narrativa. Aspecto verbal. Perfectividade. Imperfectividade.

ABSTRACT

This research is aimed to investigate the role of the category of internal time - or verbal aspect – in the narrative organization of the novel *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos. Based on the reading of some representative works, it surveys the traditional concept study contribution, even in cases where it is not identified by the term 'aspect'. Besides, it addressed the concept of verbal aspect category and some concepts about the perfective and imperfective semantics according to studies undertaken by many linguists. It also addressed a variety of expression means: the lexical, the syntactic, the derivational and inflectional aspects. In a second step, an analysis of the textual aspect of functionality as a resource for the organization of narrative text was proceeded. Other factors taken into account were the concepts of genre and mode of discourse organization. These comments had for object the first and ninth chapters of the novel, named *Mudança* and *Baleia*, respectively.

Keywords: Narrative organization. Verbal aspect. Perfective. Imperfective.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	VIDAS SECAS.....	25
2	A ESTRUTURAÇÃO NARRATIVA NO ROMANCE VIDAS SECAS	29
3	A CATEGORIA DO ASPECTO.....	35
3.1	Aspecto e tempo.....	41
3.2	Aspecto como categoria lexical.....	44
3.3	Aspecto como categoria gramatical	48
3.4	Aspecto verbal: outros enfoques	56
4	FUNCIONALIDADE TEXTUAL DO ASPECTO.....	67
4.1	O aspecto, o gênero textual e os modos de organização.....	75
4.2	Relações aspectuais em dois capítulos de Vidas Secas.....	78
4.2.1	<u>A mudança</u>.....	80
4.2.2	<u>Baleia</u>.....	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
	REFERÊNCIAS.....	96

INTRODUÇÃO

O propósito desta dissertação é contribuir para a análise da construção linguística do texto do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, desenvolvida no âmbito da linha de pesquisa de descrição, formação, estrutura e funcionamento da língua portuguesa. A análise focaliza as situações narradas à medida que a respectiva construção envolve, especialmente mas não com exclusividade, o contraponto entre a consumação e o decurso das ações/processos/estados constitutivos do evento relatado.

O tempo cronológico faz parte da experiência cotidiana da vida humana: 'hoje', 'ontem', 'amanhã'; 'agora', 'antes', 'depois' são termos que empregados correntemente para dar conta da inevitável condição humana de seres históricos: imerso no presente, o indivíduo traz o já acontecido em sua memória e projeta, geralmente como conteúdo de sua imaginação, o que ainda está por acontecer. Por isso, na referência que se faz ao verbo é praticamente imediata a associação desta classe de palavra com as noções de presente, passado e futuro graças à sua versatilidade morfológica na apreensão da cronologia dos acontecimentos. No entanto, uma compreensão mais profunda e consistente do que seja o tempo como categoria da linguagem requer uma atenção especial para certo jogo de sutilezas, como o responsável pela diferença entre:

- a) 'eu sonhei' e 'eu sonhava',
- b) 'eu sonhei' e 'eu tenho sonhado',
- c) 'eu sonho' e 'eu estou sonhando'.

As diferenças semânticas entre as formas emparelhadas nos itens acima se devem à representação da duração do acontecimento demonstrada em cada situação. Esta representação chama-se ASPECTO.

O estudo do aspecto verbal é, portanto, de suma importância para todos aqueles que desejam aprimorar a noção semântica de Tempo como representação do desenrolar do processo, especialmente em relação à polaridade perfectivo x imperfectivo, que constitui o eixo principal da trama narrativa.

As formas verbais têm um papel fundamental na construção do sentido dos enunciados e devem ser analisadas de acordo com a função que desempenham na organização temporal e espacial dos eventos, uma vez que revelam a intenção do

sujeito enunciador em induzir seu interlocutor (ouvinte ou leitor), tornando-o um co-espectador do processo expresso pelo verbo.

A enunciação é necessariamente um acontecimento situado no tempo e no espaço. Nas situações interlocutivas típicas da fala corrente, pode acontecer que as frases proferidas sejam lacônicas e desprovidas de qualquer marca do lugar e da ocasião em que ocorre a interlocução. Se, no entanto, o contexto situacional não é compartilhado, como ocorre normalmente na escrita, o processo é completamente distinto, já que as variáveis de tempo e de espaço se materializam no uso de datas, de advérbios etc.

O tema central desta dissertação é a categoria do aspecto, mas, como já foi mencionado anteriormente, sua funcionalidade textual sobressai quando ele é articulado à categoria do tempo, aqui tratado como um componente básico da organização do enunciado em português. Preliminarmente, pode-se conceber o tempo, enquanto categoria da linguagem, como um meio de distinguir o momento da enunciação e qualquer outra época anterior a ele: presente x passado. Joaquim Mattoso Câmara Jr., em sua obra *Estrutura da Língua Portuguesa*, (1996, p.100) afirma que o tempo pretérito é o “das formas marcadas para o passado em referência ao momento da comunicação”. Para o professor, “O uso então do presente é o que se entende tradicionalmente como presente histórico, isto é, formas não marcadas para o pretérito”. Ou seja, não há morfema marcador temporal para o tempo presente (\emptyset), que se opõe ao pretérito por este apresentar a marca morfológica “va” ou “ia” (ex.: mora x morava, bebe x bebia.)

Narrar é contar um fato; como objeto típico do ato narrativo, o fato deve sempre ser provido de um começo, um meio e um fim. O processamento verbal da temporalidade de um fato é tradicionalmente concebido de dois modos: o cronológico, que retrata o acontecimento como constituído de uma duração mensurável pelo relógio ou pelo calendário; e o psicológico, em que a duração do acontecimento narrado é alargada ou comprimida, geralmente em função da subjetividade do personagem.

Com base nas observações anteriores, entende-se que o funcionamento da língua se manifesta em enunciados que têm a temporalidade das ações humanas como contexto e como objeto. Como contexto dos enunciados, essa temporalidade equivale à própria cronologia dos fatos, conforme estes sejam contemporâneos (presente), anteriores (passado) ou posteriores (futuro) ao momento da enunciação.

Como objeto dos enunciados, essa temporalidade revela novas sutilezas, entre as quais se destacam duas formas de conceber o processo expresso pelo verbo: o processo completo – conclusivo; ou o processo incompleto – não concluído. Ou seja, o processo verbal se passa no tempo, mas apresenta variações em sua duração que constituem as nuances aspectuais.

Far-se-á também subsidiariamente, neste trabalho, um levantamento de observações acerca das categorias aspectuais e temporais segundo as gramáticas escolares e a tradição descritiva do português.

Vargas (2011), citando Meillet e Vendryes, revela que dentro do universo de estudos comparativos das línguas indo-europeias, o verbo exprimia as modalidades de duração, resumidas sob o nome de aspecto.

Ainda na visão da autora (2011, p.39), nos estudos comparativos a categoria aspectual perdeu sua importância em relação à noção de tempo cronológico, embora se perceba que “a categoria aspectual é tão presente quanto a do tempo, nas diversas maneiras de expressar ações, estados, fenômenos naturais”.

A pesquisadora informa que a principal inovação do latim em relação ao processo verbal primitivo das línguas indo-europeias foi a mudança da categoria de aspecto para a categoria de tempo. Em outras palavras, “a categoria de tempo acabou por suplantar a categoria de aspecto” (2011, p.20).

Vargas (2011, p.19) resume a noção de aspecto dentro do processo verbal primitivo das línguas indo-europeias:

Durativo	Processo em sua duração ou desenvolvimento, isto é, o processo visto em seu caráter dinâmico e progressivo e identificado pelos linguistas como presente, em que o momento do evento descrito coincide com o do ato de enunciação que o descreve. Exemplo: Ouço/ Estou ouvindo um ruído lá fora.
Pontual	Processo em si mesmo, sem qualquer consideração com sua duração, isto é, sem referência a qualquer ponto de seu desenvolvimento, ou seja, sob o aspecto zero, conhecido pelos gramáticos gregos como aoristo. Exemplo; Acabo / Acabei de ouvir um ruído lá fora.

Resultativo	Processo em seu termo ou acabamento, isto é, como já realizado ou com um resultado adquirido, ou seja, em seu aspecto estático, de ação definitivamente consumada, chamado perfectivo. Exemplo: Ouvi um ruído lá fora.
--------------------	--

Nesse conjunto de ideias, Vargas (2011, p.20) remete à definição de aspecto de Binnick (1991, p.32), estudioso norte-americano:

O termo **aspecto** é uma tradição emprestada do russo *vid*, e *vis* é da mesma família dos termos do inglês *view* e *vision*, enquanto a raiz original de “aspecto” é *spect*, “ver”, “olhar”, do latim *spex*, que remontaria à raiz indo-europeia **spek*, “olhar”, “observar”; daí, “espectador”.

Para a professora, há uma tendência, na língua portuguesa, sobre a estruturação dos processos em termos durativos mais do que em termos pontuais nas situações discursivas por apresentar mais noções durativas do que pontuais.

Segundo ela, (2011, p.39) os “eventos que deveriam ser expressos como pontuais são, muitas vezes, marcadas pelo aspecto imperfectivo”.

Em outra passagem de sua de análise, Vargas (2011, p.26) cita o professor Ataliba de Castilho (de 1968):

Apresentado como uma categoria verbal mais antiga, tanto por expressar uma ideia mais concreta e objetiva que a do tempo, quanto, e principalmente, por estar mais ligada, efetivamente, à noção de processo. Assim, o autor define o aspecto como “visão objetiva” da relação entre o processo (ou estado, ou o fenômeno) expresso pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É o que se considera, portanto, como a “representação espacial” do processo. (CASTILHO, 1968)

Bernard Comrie (1976, p.1) em um de seus trabalhos, *Aspect*, descreve a confusão terminológica sobre a natureza Tempo e Aspecto. Para ele, “tendo em vista especialmente esta confusão terminológica, e conceptual, de tempo e de aspecto, convém estar seguro do entendimento do significado do termo mais familiar ‘tempo’, antes de embarcar na discussão do menos familiar ‘aspecto’”.¹

Joaquim Mattoso Câmara Jr., na obra *Princípios de Linguística Geral*, (19

¹ Texto original: particularly in view of this terminological, and conceptual, confusion of tense and aspect, it is worth ensuring now that the meaning of the more familiar term ‘tense’ is understood before embarking on discussion of the less familiar term ‘aspect’.

67, p.140) se coloca quanto ao sistema verbal e afirma que no âmbito “dos verbos, isto é, das palavras que exprimem elementos do mundo objetivo, destacados na expressão linguística, como processos em desenvolvimento (..), estamos principalmente habituados com a categoria de TEMPO”.

Na sequência, realizar-se-á um trabalho de viés crítico e comparativo sobre a abordagem da categoria semântica do Tempo, na tentativa de revelar pontos de convergência e divergência entre as várias obras tradicionais. Serão privilegiadas as gramáticas de Azeredo (2008), Mateus (2003), Bechara (1994), Celso Cunha (1977), Celso Cunha & Lindley Cintra (1985), Vilela (1999), Neves (2000), Castilho (2002 e 2010), Celso Luft (2002), bem como contemplar-se-ão referências bibliográficas renomadas de Robins (1979), Costa. (2002), Travaglia (1994), Mattoso Câmara Jr. (1975), por exercerem grandes influências nos estudos do vernáculo.

O conceito tempo, segundo as gramáticas escolares da língua portuguesa, caracteriza pela distinção entre presente, passado e futuro. Ou seja, para as gramáticas o tempo verbal retrata as fases cronológicas. A propósito disto, José Carlos de Azeredo em sua *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* orienta que (2008, p.353):

(...)

Esses deslocamentos mentais não significam que, ao assumir a palavra, uma pessoa pode ocasionalmente abandonar o ponto de referência da enunciação – o *aqui e agora*. Na realidade, o que ela faz é eleger um segundo ponto de referência não coincidente com o momento da enunciação, o qual também funciona como um marco temporal de certos fatos e situações

Em outros termos, o tempo presente, passado e futuro constitui pontos de referências inscritos no discurso e no quais o enunciado se posiciona para relatar os acontecimentos.

O aspecto é indiferente aos efeitos desse deslocamento, pois ele exprime a estruturação interna da situação representada linguisticamente e independe do ponto de referência. Este é irrelevante para a perspectivação de uma situação como em curso – durativo – ou como um todo completo – pontual.

Dentro da categoria de aspecto, Azeredo (2008, p.206) refere-se à categoria como “duração do processo verbal, independentemente da época em que esse processo ocorre”. Essa duração, segundo o autor, “pode ser representada como momentânea ou contínua, eventual ou habitual, completa ou incompleta.” Ele

continua afirmando que “essas classificações, é claro, não esgotam as variações de aspecto que o processo verbal pode apresentar; servem tão só para ilustrar o conceito.”

Ainda segundo Azeredo:

É importante que não nos esqueçamos de que o tempo e o modo são categorias centradas na figura do enunciador, elas expressam relações desse enunciador com a situação comunicativa. O aspecto, por sua vez, é uma caracterização da extensão do fato na linha do tempo, e nada tem a ver com o ponto de vista do enunciador. (p.206).

Em outros termos, a representação aspectual de um predicado não é geralmente dependente de sua caracterização temporal.

O aspecto gramatical envolve distinções semânticas que são codificadas através do uso de dispositivos linguísticos explícitos tais quais verbos auxiliares e morfemas flexionais.

No capítulo de sua *Gramática Houaiss* (2008, p.206) dedicado às categorias do verbo, Azeredo destina uma seção ao estudo de aspecto verbal. Para o tempo interno, o autor sinaliza que:

O conceito de aspecto, diferente das noções de tempo e de modo, não é tradicionalmente mencionado com esse nome nas gramáticas escolares. Apesar disso, é ao aspecto verbal que os gramáticos se referem quando explicam, seja a diferença de significado entre *O céu é azul* e *O céu está azul*, seja a diferença de significado entre as formas verbais assinaladas em *Paulo **comeu** dois pães no café da manhã* (ação perfectiva, concluída e unitária) e *Paulo **comia** dois pães no café da manhã* (ação imperfectiva, não concluída e habitual).

R.H. Robins, em seu livro intitulado *Pequena História da Linguística* (1979, p 23), diz sobre o tema que: “a indicação de tempo, reconhecida por Aristóteles, é apenas um dos valores das formas verbais do grego, que na realidade compreendem duas dimensões semânticas [...] a referência temporal e a oposição entre ação acabada e inacabada ou contínua.”

Ainda na fala do autor (1979,p.40):

No estudo das categorias do verbo, Varrão demonstrou simpatia pela doutrina dos estóicos, que distinguiram as referências temporais e aspectuais(...). Em sua análise das formas verbais ativas e passivas do modo indicativo, considerou como básica a divisão em aspecto completo e aspecto incompleto, tendo em vista que as

formas com o mesmo valor aspectual possuíam o mesmo tema, sendo que na voz passiva as formas de aspecto concluso eram constituídas de duas palavras.

Na visão da *Gramática da Língua Portuguesa* (2003, p.129) de Mateus, Brito, Duarte e Faria, no capítulo intitulado “Aspectos semânticos da gramática do português”, há diferenciação entre os conceitos de tempo e de aspecto. Para o primeiro, as portuguesas afirmam que “a categoria *Tempo* serve para localizar as situações (eventos ou estados) expressas nas línguas em diferentes tipos de enunciados.” Ainda na fala das autoras sobre o conceito, “a forma mais comum de se marcar essa localização é através dos tempos verbais, embora os advérbios ou expressões adverbiais de tempo e certas construções temporais tenham também essa função”.

Para o segundo, elas dizem que “o *Aspecto*, por seu turno, fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação”.

Conforme as autoras, “o *Tempo* é concebido como uma ordenação linear de unidades temporais atômicas (instantes) ou densas (intervalos) que se pode suceder ou sobrepor”. E mais, “o aspecto permite olhar para a sua estrutura interna perspectivando as situações a partir do seu interior, sendo portanto subatômico”.

Para as pesquisadoras, o “tempo linguístico é uma categoria relacional, quer seja dêictico quer seja anafórico, enquanto o aspecto se centra na perspectiva interna, sem necessitar de se relacionar com outros elementos” (p.130).

Para Sônia Bastos Borba Costa. (2002, p. 19-21):

(...) a referência ao tempo, em português, conta com duas categorias linguísticas para sua expressão: a categoria de Tempo e a categoria de Aspecto. Aspecto e Tempo são ambas as categorias temporais no sentido de que têm por base referencial o tempo físico. Distinguem-se, contudo, do ponto de vista semântico, basicamente a partir da concepção do chamado tempo interno (o Aspecto) diferente do tempo externo (o Tempo). As noções semânticas do, âmbito do Tempo dizem respeito à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação; são, em linhas gerais, as noções de presente, passado e futuro e suas divisões. Já as noções semânticas do âmbito do Aspecto são as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim.

Parafraseando Costa, as noções de aspecto e de tempo encontram-se em caminhos que se entrelaçam, pois ambos pertencem à mesma entidade – a categoria temporalidade. O tempo interno remete ao processo e não especifica a

ocasião do fato; o tempo externo da enunciação referencia as épocas: presente, passado, futuro.

Exemplificando,

A cachorra Baleia **estava** para **morrer**. **Tinha emagrecido**, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas **avultavam** num fundo róseo, onde manchas escuras **supuravam** e **sangravam**, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços **dificultavam**-lhe a comida e a bebida. Por isso Fabiano **imaginara** que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas baleia, sempre de mal a pior, **roçava**-se nas estacas do curral ou metia-se no mato, impaciente, **enxotava** os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, **agitando** a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de roscas, semelhantes a uma cauda de cascavel. (RAMOS, 2004, p.84).²

Observa-se no fragmento acima que a natureza aspectual é realçada pelo emprego dos verbos no pretérito imperfeito do indicativo e pela escolha lexical que reforçam a semântica da extensão do fato na linha do tempo - processo incompleto ou não concluído.

Travaglia (1994, p, 41) detalha o conceito de aspecto dos seguintes termos:

- 1) – aspecto seria “a maneira de ser da ação”;
- 2) – aspecto é a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna;
- 3) – aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si;
- 4) – aspecto envolve tempo;
- 5) – aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções ou de noções simples: termino/ não – termino, início, resultado etc.

Em outros termos,

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e / ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (IDEM, p, 44).

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, 35^o edição, 1994, do professor Evanildo Bechara, não há explicação sobre o conceito de aspecto verbal; quando se refere à temporalidade, o professor se limita às noções tradicionais, a saber:

a) – PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: eu canto;

²O trabalho manterá a grafia da obra consultada.

b) – PRETÉRITO - em referencia a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfecto, perfeito e mais – que - perfeito*: cantava (imperfecto, cantei (perfeito) e cantara (mais-que-perfeito);

c) - FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdivididos em futuro do presente e futuro do pretérito: cantarei (futuro do presente), cantaria (futuro do pretérito). (p.103).

Na 35ª edição de sua obra (1994, p.111), o Prof. Bechara emprega o termo “aspectos” obviamente fora da aceção técnica que é assunto desta dissertação:

Auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) Início de ação: começar a escrever, por - se a escrever, etc;

b) Iminência de ação: estar para (por) escrever, etc;

c) Desenvolvimento gradual da ação; duração: estar a escrever, andar escrevendo, vir escrevendo, ir escrevendo, etc.

Na edição revista e ampliada (2000, p.213-214), porém, o professor aborda o conceito de aspecto segundo a visão de Eugenio Coseriu, que diz que “a pura definição temporal e o *tempo* alude (sic) à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual aludem (sic) à maneira de consideração a ação verbal no tempo.” Logo em seguida Bechara assinala que “Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.”

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) – *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (*nível atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (*nível inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfecto*.

2 – *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter ação verbal “paralela” a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela, retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo o *espaço de tempo*.

3) – *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio: presente, passado e futuro. (BECHARA, 2000, p. 213-214)

Em sua *Gramática da Língua Portuguesa* (1977), Celso Ferreira da Cunha não menciona o conceito de aspecto verbal e limita-se a descrever o tempo como categoria cronológica, ignorando sua dimensão interna. Em suas palavras:

A variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo. Os três tempos naturais são o *presente*, o *pretérito* (passado) e o *futuro*, que designam, respectivamente, um fato ocorrido *no momento em que se fala*, *antes do momento em que se fala* e *após o momento em que se fala* (p. 368).

Na gramática que escreveu em parceria com o professor Lindley Cintra, *Nova Gramática Português Contemporâneo* (1985), é mencionada a noção de aspecto. Para estes autores, aspecto designa:

(...) Uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo". Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu termino, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.

É clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS OU MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, de outro.

Além dessa distinção básica, que divide o verbo, gramaticalmente, em dois grandes grupos de formas, costumam alguns estudiosos alargar o conceito de ASPECTO, nele incluído valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto.

Assim, nestas frases:

João **começou a comer**

João **continua a comer**

João **acabou de comer**

Não há, a bem dizer, uma oposição gramatical de aspecto. É o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos INCOATIVO, PERMANENTIVO e CONCLUSIVO (1985, p.370).

O conceito de aspecto adotado pelos autores – “Uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo” – não parece, contudo, adequada, já que “ponto de vista” necessariamente revela um posicionamento subjetivo, antes associado à categoria do MODO do que à de ASPECTO.

Diferente destes autores, Mário Vilela em sua *Gramática da Língua Portuguesa* (1999, p. 61) coloca em relevância a noção de aspecto verbal dentro do capítulo para a classificação dos verbos. Para Vilela “a semântica do lexema verbal determina o modo de ser ou acontecer e simultaneamente constitui a base para o decurso (= aspecto) do processo e para a valência do semema verbal”.

O autor faz uma distinção entre:

O aspecto ligado ao significado do lexema verbal – o “modo de ação” (= Aktionsart) – do “aspecto” dependente de formas gramaticais (= aspekt). O primeiro (= Aktionsart) é uma categoria “objectiva”: representa o modo como apreendemos a realidade extralingüística. O verbo consubstancia lexicalmente o modo de apreensão da realidade. O segundo (= aspekt) está ligado aos tempos verbais (p.65).

Na parte em que trata da natureza dos verbos, Maria Helena Moura Neves, na *Gramática de Usos do Português* (2000, p, 25-26), menciona a semântica do verbo referenciando a noção de aspecto verbal. Para a autora “a classificação semântica das *predicações* pode basear-se nas unidades semânticas presentes no *verbo*. Desse ponto de vista, há três classes principais de *predicados verbais*, dois *dinâmicos* e um *não-dinâmico*”.

Ainda dentro da análise da professora, os predicados dinâmicos se dividem em verbos que indicam ações ou atividades e os que indicam processos. Os primeiros Moura Neves define como aqueles que “são acompanhados por um *participante agente* ou *causativo*, podendo haver, ou não, outro participante (afetado ou não), isto é, podendo haver, ou não, um processo envolvente”(p, 26).

Exemplificando com a obra de Graciliano:

“Então Fabiano *resolveu* matá-la ”.

Quanto aos segundos, a pesquisadora diz que são “os verbos envolvem uma relação entre um *nome* e um *estado*, e o *nome* é *paciente* do *verbo* (*afetado*) ”(p, 26).

Exemplificando:

“A cachorra Baleia estava para *morrer*”(p.85).

Já para os predicados não - dinâmicos a autora afirma que “ *os verbos não-dinâmicos* são acompanhados por um *sintagma nominal* (sujeito) que é *suporte do estado*”(p,26).

Exemplificando:

“A pedra *estava* fria”

Mira Mateus, Brito, Duarte e Hub Faria (2003, p.133) fazem uma distinção entre o termo aspecto gramatical e aspecto lexical (*Aktionsart*). Veja o que dizem as linguistas sobre o tema:

Tradicionalmente, distingue-se Aspecto de *Aktionsart*(ou modo de acção), considerando-se que o primeiro é fundamentalmente gramatical, realizado em línguas como o português através de morfemas flexionais, e o segundo é de natureza lexical (?). No entanto, tal distinção não é completamente adequada, pois pode veicular-se informação aspectual muito semelhante recorrendo a diferentes processos linguísticos.

Castilho, na *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2010, p.417), define aspecto verbal como:

Uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender. O termo *aspecto*, que encerra o radical indoeuropeu “spek”, “ver”, capta outra propriedade dessa categoria: trata-se de um ponto de vista sobre o estado das coisas. E você, que está afiado em Linguística Cognitiva, já percebeu que o aspecto é uma das gramaticalizações da categoria VISÃO. É como se o falante, tangido por um inesperado transporte místico, visualizasse de fora, do alto, do além, os estados de coisas que ele mesmo acionou, separando diligentemente (i) o que dura, (ii) o que começa e acaba, e (iii) o que se repete. Os aspectos imperfectivo, perfectivo e iterativo resultam desse lance meio esquisito. Mas voltemos à gramática. O aspecto não dispõe de morfologia própria no português. Para codificar os significados aspectuais, o usuário combina diversos ingredientes linguísticos, dando uma de cozinheiro.

Sobre a noção de predicação referenciada acima, Castilho (2010, p.415) ensina que:

A predicação retrata o estado de coisas, entendendo-se por isso a “ concepção de algo real ou imaginário que possa ocorrer em algum mundo”. Assim, em “ João deu o livro à bibliotecária”, estamos admitindo um mundo em que se dá o caso de que uma pessoa chamada João deu algo do tipo livro a uma pessoa do tipo bibliotecária (Dik, 1989,pp.46-47). O estado de coisas é uma entidade conceitual, ao passo que as entidades reais podem ser retratadas linguisticamente de várias maneiras, dependendo da angulação estabelecida pelo falante.

Seguindo ainda o que se entende por aspecto verbal no contexto da gramática de Castilho(2010, p.418) “o aspecto, em contrapartida, não depende, como o tempo, da postulação de conceitos como o de intervalo e de inserção do ponto primário na linha do tempo, aplicando os conceitos desenvolvidos por Bull(1960)”. Ainda na visão do professor, sobre o conceito de aspecto verbal,“ o conceito de aspecto é primordial, vale dizer, essa categoria tem a autonomia que lhe é dada por sua propriedade simbólica. Assim, não parece necessário concebê-lo como uma sorte de “tempo interno” da predicação”.

Castilho (2010,.418) nos revela que “ na fase de aquisição da linguagem, primeiro vem o aspecto, como categoria simbólica, e depois o tempo como categoria dêitica.”

Ataliba Castilho (2010,.418) anuncia que o tempo e o aspecto podem ser concebidos como propriedades da predicação e faz a distinção entre os termos. Para aquele, ele afirma que “o tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida pela situação de fala. É assim que se podem representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade”. Conforme o professor “o tempo também depende da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro”.

O professor se apoia na perspectiva desenvolvida por Bull, para quem o aspecto verbal tem uma natureza simbólica e não dêitica, independente, portanto das noções de intervalo e de ponto primário na linha do tempo. Em outros termos, existe uma autonomia que é dada por sua propriedade simbólica.

Segundo o professor Celso Pedro Luft (2002, p.174) aspecto verbal é:

A categoria verbal que exprime a oposição término/ não-término ou acabado/não-acabado, a duração do processo. Manifesta-se conjuntamente com o tempo em *cantei/canto, cantara/cantava* (= acabado/não-acabado).
Fora disso, exprime-se mediante locução verbal (*estava cantando/ tem cantado*, etc.), sufixos (-ec (er) incoativo = enriquecer; -ej (ar), -it(ar) iterativo: *voejar, saltitar*) ou pelo próprio radical verbal com sua significação características (*andar, parar*, etc.).

Conforme pode ser observado, a noção de aspecto dada pelo professor Luft apresenta consonância com outros autores aqui referenciados: o aspecto tem natureza não dêitica e pode ser expresso por uma variedade de meios formais, morfológicos, sintáticos e léxico-semânticos.

Pensando nas observações levantadas sobre as categorias temporal e aspectual, o estudo desta pesquisa se prenderá esta apreciação supracitada na perspectiva textual em *Vidas Secas*, contextualizando o conceito estabelecido nas Gramáticas de Língua Portuguesa, como bem nos revela Câmara Jr. (1975, p.128): “os gramáticos latinos, em sua descrição da língua, não tinham depreendido a noção do ‘aspecto’. Mas, desde o gramático Varrão (séc.I AC) tinham percebido a oposição entre evento concluso e incluso que apresentam as formas verbais latinas.”

A pesquisa acadêmica foi dividida em duas partes que se dividem em blocos. A primeira, conceitua a categoria do Aspecto dentro da perspectiva do processo enunciativo, além de apresentar alguns posicionamentos importantes dos professores Maria Henriqueta Costa Campos, Mattoso Câmara Jr., L. Jenaro Maclennan que abordam de forma bem clara a noção da categoria semântica de Tempo dentro da Categoria Lexical e Gramatical revelando a natureza da noção de Télico e Atélico – ação e processo e da sistematização do aspecto.

A segunda remete a funcionalidade textual do aspecto fazendo uma análise sobre questões tais como o fio condutor do enunciado – o verbo -, a noção do aspecto, do gênero textual, de modos de organização enunciativa, observando a noção de evento histórico e ao final do capítulo uma análise das relações aspectuais em dois capítulos do romance *Vidas Secas: Mudança e Baleia*.

Pelo espírito *atribulado* do sertanejo *passou* a ideia de *abandonar* o filho naquele descampado. *Pensou* nos urubus, nas ossadas, *coçou* a barba ruiva e suja, irresoluto, *examinou* os arredores. Sinha Vitória *estirou* o beijo indicando *vagamente* a direção e *afirmou* com alguns sons guturais que *estavam perto*. (p.10)

(...)

A cachorra Baleia *estava para morrer*. *Tinha emagrecido*, o pelo *caíra-lhe* em vários pontos, as costelas *avultavam* num fundo róseo, onde manchas escuras *supuravam* e *sangravam*, cobertas de moscas (GRACILIANO, p.85).

Nesta seção, discutir-se-á acerca da questão do funcionamento da língua. Ou seja, um bem coletivo para interação social do homem ao meio. Azeredo afirma (2008, p.53) que “a língua é um bem coletivo, e a interação social, sua principal razão de ser. O que cada pessoa sente, sabe, imagina, quer, sonha é uma experiência individual, subjetiva e única’.

Para o professor André Crim Valente (1997, p.14):

A linguagem é tudo aquilo que permite a comunicação entre homens. Expressão dos nossos desejos e sentimentos, das nossas ideias e emoções, a linguagem torna-se vital para a convivência humana. Não existe sociedade sem comunicação e, por conseguinte, sem linguagem.

Indispensável elemento da comunicação social, nem por isso a linguagem deixa de pertencer ao domínio individual. Ao usá-la, o indivíduo busca a integração com os semelhantes e exercita, então, a sua cidadania.

Parafraseando os professores, a língua é um meio de expressão onipresente na sociedade usado nos mais variados contextos da vida social. Esse uso intensivo gera uma tendência natural à diversidade. Seria ingênuo esperar que a língua fosse homogênea, afinal seu uso não é homogêneo. Ela permeia toda a vida social e, em função disso, apresenta variedades que se manifestam e se desenvolvem em diferentes contextos de uso.

Trask(2008,p.164) diz que a linguagem é:

O papel que tem a língua no sentido de conferir ao indivíduo uma identidade e de incluí-lo num grupo. Toda vez que alguém fala, dá às outras pessoas informações importantes sobre o tipo de pessoa que é, sua procedência, a classe social à qual pertence, e até mesmo seu sexo e sua idade, por exemplo, numa conversa telefônica. Essa informação diz algo sobre a individualidade da pessoa e sobre os grupos étnico, nacional e social a que a pessoa julga pertencer.

Francisco da Silva Borba (1979, p.162) nos revela que “é conhecendo a natureza da linguagem que nos aproximamos cada vez mais do conhecimento da natureza humana, já que a linguagem constitui o traço característico do homem”.

Finalizando com Rector & Yunes (1980, p.54), cujo postulado é o de que “o jogo da linguagem é uma prática coletiva (social), interpessoal para o linguística (genebrino) e o que os homens dizem estabelece um modo de agir no mundo”.

Exemplificando com Graciliano Ramos, *Vidas Secas*:

- Anda, condenado do diabo .. (p.9);
- Porque é que vossemecê bota água em tudo? (p.26);
- An! (p.34);
- Arreda! (p.39);
- Ixe! (p.42);
- Inferno, inferno. (p.60);
- Cambada de cachorros. (p.81);
- Vão bulir com a Baleia (p.85);
- Capeta excomungado (p.86);
- Ecô! Ecô! (p.87).

1 VIDAS SECAS

Nesta seção, propõe-se uma síntese do romance de Graciliano Ramos apresentando como enredo a família de retirantes em busca de refúgio contra a seca, família essa representada por Fabiano, Sinhá Vitória, sua esposa, os dois filhos – Menino Mais Velho e o Menino Mais Novo, o papagaio e a cadela Baleia.

O romance *Vidas Secas* (2004) evidencia a condição animalesca e desumana dessa família por uma luta instintiva pela própria sobrevivência, sem teto, sem perspectiva de trabalho e por péssimas condições climáticas do sertão do nordeste. E mais, como bem destaca Álvaro Lins (p.136) dentro do posfácio da própria obra de Graciliano Ramos o mundo que se passa toda a trama é “representado pela falta de amor. A sua concepção de vida está limitada, de um lado pelos instintos humanos, do outro por um destino cego e fatalista – todos os personagens são de certa maneira “*Vidas Secas*”.

Exemplificando por capítulo, pode-se observar que o primeiro, intitulado de *Mudança*, inicia-se relevando a noção de aspecto através da ilustração do cenário - “na Planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes”(p.9) e da família de retirantes em sua caminhada - “os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” – até a sua chegada à fazenda abandonada. Além disso, o capítulo é pautado por lembranças: a morte do papagaio, a caça aos preás feita pela cachorra Baleia cumprindo seu papel de membro da família para garantir seu sustento e sobrevivência.

No segundo capítulo, que tem como título o nome do patriarca da família - *Fabiano* –, há caracterização e monólogo interior de Fabiano: “você é um homem” *versus* “você é um bicho”, insinuando um processo de animalização do ser humano, ou zoomorfização. Traz também uma descrição da imagem de Fabiano para reforçar a noção aspectual – “o corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco” (p.19).

No terceiro capítulo – *Cadeia* –, aparece o personagem de Fabiano “indo à feira da cidade comprar mantimento” (p.26); o jogo na venda de Seu Inácio; o Soldado Amarelo como parceiro; perde o dinheiro, briga com o soldado, é preso e surrado na prisão: “Apanhar do governo não é desfeita”. Em outros termos, a representação do sertanejo como vítima do poder público que devia ajudá-lo;

exploração e violência social; incapacidade de Fabiano de entender o mundo – o porquê de existir governo.

No quarto capítulo - *Sinha Vitória* -, revela-se a idealização de grande senhor representado na figura feminina através da ideia de posse de uma cama de lastro de couro a de Seu Tomás da Bolandeira. Ou seja, a condição de mudança, categoria aspectual, pelo desejo de levar uma vida mais confortável.

No quinto capítulo - *O Menino Mais Novo* -, observa-se a vontade do filho de ser igual ao pai, o que implica a perpetuação da miséria: o menino igual ao pai, o mesmo destino, o mesmo sofrimento; a queda do bode e a desaprovação de Baleia.

No sexto capítulo - *O Menino Mais Velho* - mostra-se a curiosidade do filho, exemplificada na vontade de entender a palavra “inferno”. Essa situação comprova a falta de intimidade com a linguagem e de estímulo para o desenvolvimento intelectual, o que certamente fará do menino um bruto como o pai. Esse capítulo evidencia também o refúgio que o garoto busca na companhia de Baleia. É interessante destacar que ambas as crianças não têm nome, como se ressaltasse o índice da condição miserável em que vivem.

No sétimo capítulo, nomeado de *Inverno*, inicia-se falando da chuva no momento que a família encontrava-se em volta do fogo – ‘ a família estava reunida em torno do fogo, Fabiano sentado no pilão caído, sinha Vitória de pernas cruzadas, as coxas servindo de travesseiros aos filhos’ (p.63). Nota-se uma tentativa impossível de diálogo, dada a incapacidade linguística e a comunicação precária e insuficiente, como ocorre entre os animais.

No oitavo capítulo – *Festa*-, inicia-se a saga de Fabiano e sua família indo à festa de Natal na cidade, trajando roupas novas e o desconforto dos sapatos, numa clara alusão à distância da civilização em que se encontram.

No nono capítulo – *Baleia*-, retrata-se a suspeita de hidrofobia da cachorra e o inevitável sacrifício: o tiro de Fabiano e a morte sonhando com “um mundo todo cheio de preás, gordos, enormes” . Em Baleia, reproduz-se, na hora da morte, o mesmo desejo de Sinhá Vitória e dos demais membros da família: uma vida melhor, mais descansada, com mais alimento e menos dificuldades.

Na décimo capítulo - *Contas* –, trata-se da revolta contra as contas do fazendeiro que não batem com as de Sinhá Vitória “por causa dos juros”. O contexto insinua a impotência e o conformismo do sertanejo diante da exploração pelo mais forte. Exemplificando, “Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a

terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante” (p.92).

No décimo primeiro capítulo, nomeado de *O Soldado Amarelo*, começa com Fabiano metendo-se “na vereda que ia desemborcar na lagoa seca, torrada, coberta de catingueiras e capões de mato” (p.99). Em outros termos, mostra Fabiano encontrando o soldado na caatinga e o surgimento da dúvida: matar ou não? “Governo é governo”- impotência diante do “poder”; visão de que o governo existe para prejudicar e explorar; falta de consciência política e incapacidade de se revoltar.

No penúltimo capítulo, dito de *O Mundo coberto de penas*, retrata a chegada das aves de arribação anunciando a seca, “ o Mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo”; tentativa de matar as aves.

No último capítulo, trata-se da *Fuga da seca*, que aconteceria, com certeza, durante a madrugada, com destino ao Sul. Sinha Vitória sonha com a cidade grande, os filhos na escola. Nesse ponto, ressalta-se o fluxo migratório em direção ao sul, ao litoral, especialmente para São Paulo, tal qual já se desenhava na história do Brasil à época em que o livro foi escrito e publicado.

E mais, como ilustração, a narrativa da obra demonstra a falta de diálogo entre os membros da família. O narrador, em terceira pessoa, substitui os diálogos por pensamentos, nos quais ele ocupa o lugar da personagem. Ou seja, a ausência de fala se faz presente devido a uma ausência vocabular por parte de cada membro da família que se comunica através de resmungos e de gestos, de exclamações, de onomatopeias, enfatizando a animalização das personagens e a solidão, marcante na vida de todos que são marginalizados.

Outro elemento característico referenciado acima é o pensamento que permite entrever, em vários momentos, as lembranças recorrentes dos personagens em diversas passagens do texto. Lembranças essas que fazem parte do homem e de sua história reportadas numa obra literária – a mimese humana.

Quanto à questão da linguagem enunciativa do falante de uma língua, ao empregar as formas nominais do gerúndio, do particípio e do infinitivo, a noção semântica aspectual imperfectiva é remitida para as duas primeiras formas e perfectiva para a última.

Exemplificando:

*Tinha andado a procurar raízes (p.11);

* (...) e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil (p.11);

* (..) e latia arremedando a cachorra (p.11).

Por este turno, entende-se que o uso das perífrases nominais em gerúndio referenda a ideia de marcas de temporalidade, de subjetividade e de aspectualidade, por serem formas de produção de sentido em um enunciado linguístico.

2 A ESTRUTURAÇÃO NARRATIVA NO ROMANCE VIDAS SECAS

A obra do alagoano Graciliano Ramos *Vidas secas* apresenta como uma estruturação de romance desmontável, tendo em vista sua composição descontínua, feita de episódios relativamente independentes e sequências parcialmente truncadas. A obra teve a publicação inicialmente em forma de conto tendo *Baleia* como primeiro conto e a *Fuga* como último e logo em seguida foi transformado em romance.

Segundo Fernando Alves Cristóvão (1975, p.138) o trabalho de redação do romance se deu em etapas tais como *Baleia* em 4 de maio, *Sinha Vitória* em 18 de junho, *Cadeia* em 21 de junho, *O menino mais novo* em 26 de junho, *O menino mais velho* em 8 julho, *Inverno* em 14 de julho, *Mudança* em 16 de julho, *Festa* em 22 de julho, *Fabiano* em 22 de agosto, *O mundo coberto de penas* em 27 de agosto, *O soldado amarelo* em 6 de setembro, *Fuga* em 3 de outubro. “ O capítulo *Contas* falta no manuscrito, mas a carta ao ‘terrível Condé’ dos ‘Arquivos Implacáveis’ refere como data de 29 de julho”, de 1937.

As características mais marcantes da obra de Graciliano Ramos são a temática social, psicológica, problemas do homem da região analisados sob um prisma psicológico, que deixa perceber o homem em sentido absoluto de tal forma, que sua obra adquire uma dimensão universal.

Para Cristóvão (1975, p.34) no título do romance há duas tendências que se afrontam. A primeira “pelo adjetivo secas, predicando vidas, surpreende por só metaforicamente se justifica”. A segunda, vidas que “aponta para a psicologia, secas para a sociologia”. Uma, é” a tendência do romance realista regionalista; a outra, a do realismo psicológico”.

Graciliano ao escrever o romance contribui para a descrição da imagem do nordestino, habitantes dos sertões secos brasileiros, a imagem que provoca a visão real dos brasileiros pobres das brenhas do Nordeste.

A *secura* é a metáfora dominante na apresentação do livro porque secas não são só percebidas nas vidas dos personagens e nas paisagens que atravessam os sertões nordestinos, mas também na linguagem do livro. As frases são curtas, cortadas, o vocabulário é mínimo através de grunhidos ou exclamações, a própria montagem da narrativa é macérrima, feita de capítulos interdependentes, autônomos

que se reduzem a si mesmos, apesar de em conjunto intensificarem o valor do todo em decorrência de ser vários contos que foram estruturados em romance

O estilo adotado é seco, despojado, descarnado. Esses aspectos são confirmados pela valorização do período e do parágrafo curtos, pelo predomínio das orações coordenadas e justapostas; pela economia dos elementos descritivos, que só estão presentes quando imprescindíveis para a situação que nomeiam. A linguagem, reduzida ao mínimo, mimetiza a miséria do meio e dos próprios personagens.

Sabe-se que o cuidado com as palavras é um dos traços mais importantes da prosa de autor. A economia no uso de adjetivos e advérbios, a escolha cuidadosa dos substantivos, todos os aspectos da construção do romance colaboram para a criação da concepção realista bruta que define o olhar neorrealista de Graciliano.

O romance utiliza de forma abundante os demonstrativos neutros quer na função dêitica de indicar uma posição no espaço ou no tempo, quer na função anafórica de se referirem a uma enunciação anterior ou seguinte como marcação do pouco discurso dos personagens da obra. Da mesma maneira com o uso abusivo dos advérbios 'agora' e 'aí' na perspectiva de reforçar os laços do texto sendo empregado com função dêitica, quer realizando localizações espaço – temporal, quer lógico, sendo essas as mais primitivas, como na evocação feita por Fabiano dos tempos passados.

A questão central do romance está na relação entre o indivíduo e a sociedade que atravessa também pelo espaço dominado pela seca que empurra as pessoas para uma condição de vida completamente desumana e as torna vítimas dos fazendeiros ditos inescrupulosos.

Reconhece que o romance esboça um estado existencial em que as situações se ordenam numa alternância de afirmações e negações sucessivas cujo fim não se prevê.

Os assuntos de *Vidas Secas* são a brutalização do homem, resultante dos elementos geográficos: seca, mas, sobretudo de uma ordem sócio-político-econômica que divide os homens entre os donos da terra e do poder: latifundiários e governo e aqueles que só têm a força de trabalho para oferecer: retirantes e a incomunicabilidade resultante dessa realidade.

O romance gira em torno de um casal, Fabiano e Sinhá Vitória, dois filhos identificados como Menino Mais Novo e Menino Mais Velho e uma cadela chamada

Baleia. Os magros retirantes são focalizados cada um por sua vez, o que nos mostra a individualidade de cada um e o isolamento familiar. Cada um deles tem vida particular na narrativa, seus sonhos, acentuando a solidão em que vivem, ou em que são lançados, afirmando-se assim o aspecto da insuficiência da comunicação verbal, que o autor dá a medida da barreira que isola os flagelados das secas.

Quanto à questão do personagem, Fabiano é a imagem da própria terra esturricada, com sua pele vermelha queimada pelo sol, cabelo e barba ruivos e olhos azuis, mãos grossas e pés gretados. Ele é o vaqueiro que inicia e termina a narrativa viajando, fugindo da seca que assola o sertão nordestino.

O discurso dos personagens se mostra pela carência de linguagem e as dificuldades de expressão, presentes, por exemplo, em Fabiano manifesta aspectos da opressão social em consequência de uma visão limitada e fragmentária que cada um deles tem do mundo através dessa omissão de linguagem.

A visão que se faz das atitudes do personagem Fabiano remete a sua própria condição por ter uma visão extremamente alienada e conformista, justificada, inclusive, por uma lógica determinista. Fabiano aceita a exploração e a condição social miserável em que vive como se fossem naturais, produtos de uma sina, quando afirma que havia nascido com esse destino e que ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim.

Por este conceito, entende-se que o determinismo é a concepção segundo a qual o meio ambiente define ou influencia fortemente a fisiologia e a psicologia humana, de modo que seria possível explicar a história dos povos em função das relações de causa e efeito que se estabeleceriam na interação natureza/homem.

Vidas Secas coloca em relevância uma contemporização entre os pontos de vista da primeira e da terceira pessoas, pois a consciência peculiar da terceira pessoa sofre fortes limitações, demasiadamente unidas como é ao ângulo de visão imposto pelo discurso interior indireto de várias pessoas.

O narrador do romance *Vidas Secas* fala em nome desses oprimidos que não têm voz; daí a presença de um narrador em terceira pessoa onisciente, necessário para exteriorizar os anseios, os sonhos e as necessidades desses desvalidos.

O narrador se dirige ao leitor, que, como ele, está distanciado do universo dos retirantes e pode compreender toda a dinâmica, em seus aspectos sociais, políticos e econômicos, dessa trágica realidade. Essa postura do narrador se

evidencia claramente no capítulo final do romance, quando a família vislumbra um futuro melhor na cidade grande.

Na obra *Vidas Secas*, a recondução marca o retorno de um fenômeno cíclico aberto que se inicia com o capítulo “Mudança”, em que os retirantes estão na estrada e termina com “Fuga”, quando novamente eles vão embora. Dentro desse projeto vários elementos mudam de lugar, inclusive os sentimentos das personagens, só o que não muda é a seca, tanto na abertura quanto na finalização ela é brava do mesmo jeito que nos permite observar a noção aspectual através deste movimento repetitivo de fenômeno.

A concepção de ciclo no romance nos remete à ideia de ação, ao movimento feito pela família de Fabiano fugindo da seca. Este movimento cíclico pode ser observado nos capítulos das extremidades, *Mudança* e *Fuga*. Nesses capítulos, por conta desse mover, há várias ações que nos permite perceber movimento semanticamente de ida e vindas, isto é, movimentos infinitamente para trás, e acontecerão infinitamente para frente. Eternamente retornarão os mesmos eventos

Em outros termos, *Vidas Secas* é um romance cíclico. Iniciando-se com a seca, *Mudança*, reflete o período da precária estabilidade do *Inverno*, encerrando-se com os prenúncios da nova seca que se aproxima, *Fuga*.

A obra apresenta três movimentos, inicia-se com a retirada de uma família sertaneja que atravessa a caatinga, intitulado *Mudança*, a permanência da família na fazenda, e o último episódio termina com a retirada da família, intitulado *Fuga*. Esses capítulos *Mudança* e *Fuga* se convergem, pois ambos consistem na retirada de uma família sertaneja em busca de um lugar mais propício à vida e menos castigado, é a realidade do retirante nordestino.

Quando à semântica da seca, entende-se como mais um fenômeno sócio - econômico do que meteorológico. Ela não é exatamente a ausência de chuvas, pois todos os anos chove nas caatingas sertanejas, o que a determina é a irregularidade das precipitações pluviométricas; ela é um fenômeno econômico resultante também da incapacidade do homem em se adaptar totalmente ao clima.

Quanto ao emprego dos tempos verbais, a obra apresenta como tempo predominante as diversas modalidades de pretérito, pelo que o romance se afirma como exemplo típico de mundo narrado.

A relevância da atitude comunicativa dentro do romance é marcada pelo emprego de duas ordens de formas verbais: as formas do tempo presente, trazidas

pelos diálogos, em discurso direto, ou pelo uso do estilo indireto livre; e as formas do condicional, com que o narrador tanto revive o passado pela escrita, quanto dá vida virtual ao projeto de redenção daqueles deserdados da sorte.

Quanto ao discurso direto, percebe-se que, no romance, ele aparece muito pouco no seu uso mais comum – o de representar as falas de um diálogo. Um exemplo desse uso pode ser encontrado na conversa de Fabiano com o soldado amarelo, no terceiro capítulo Cadeia:

“- Bem feito.

- Ergueu-se furioso, saiu da sala, trombudo.

- Espera aí, paisano, gritou o soldado amarelo.” (Graciliano Ramos, 2004, p.27)

Contrapondo a esse discurso, o uso do discurso indireto livre presente na obra ajuda a representar, de modo verossímil, a palavra de seres tão rústicos como Fabiano e sua família. Se optasse por transmitir em discurso indireto a fala dos sertanejos, Graciliano estaria privilegiando uma abordagem distanciada e analítica dos discursos das personagens. Além disso, os elementos emocionais e afetivos da linguagem dos sertanejos perderiam intensidade com a reformulação estrutural da frase exigida pelo discurso indireto.

Sabe-se que a forma do pretérito composto na obra parece ajustar-se perfeitamente às outras duas formas que condicionam a atitude comentada, porque além de incluir na sua formulação um tempo de presente acrescenta-lhe um valor aspectual durativo e iterativo diferente do valor aspectual do pretérito – tempo cronológico da história – e postula uma relação de maior proximidade do narrador.

Por este turno, os tempos verbais dão conta igualmente da forma como se desenrola o processo do verbo e ainda da perspectiva adotada na enunciação e no enunciado, fundamentado entre a história e o discurso.

As formas verbais estão intimamente ligadas às atitudes comunicativas do narrador que por elas pode aferir ao seu comportamento com o relato e do modo de realizar a enunciação.

No plano da narração, o sistema temporal dos verbos estabelece também planos de relevo segundo a relevância que o narrador atribui aos diversos elementos do relato tais como os fatos importantes ou não, os personagens, ambientes,

conforme as formas verbais que os enquadram estabelecendo uma gradação própria da atitude narradora que falta no mundo comentado do relato .

O romance *Vidas Secas* apresenta uma “metáfora temporal”³, pelo emprego do uso do condicional com certo valor de tempo comentado, dado o caráter ambíguo desta forma verbal que dá a narrativa um dinamismo que não conhecia antes pelo leitor levando-o ter a impressão de maior vivacidade e autenticidade do relato.

Segundo Cristóvão (1975,p.101) a metáfora temporal representa a forma mais autêntica do discurso indireto livre, por introduzir no discurso indireto a “feição teatral e atualizadora do discurso direto”, que é o elemento mais apto a realizá-la na frase.

Como bem nos revela Cristóvão (1975) o romance de Graciliano Ramos apresenta um tempo cronológico em que se esvaziou e evoluiu para tempo psicológico. Essa evolução segundo o autor corresponde a um processo evolutivo humano e literário de gradual interiorização, com que sua obra ganhou em densidade significativa.

Reconhece que todos os planos do tempo no romance se inserem e diferenciam dentro do passado, abrangendo acontecimentos anteriores ou posteriores, já vividos ou possíveis.

A imagem, o uso e a representação da linguagem são fatores que aparecem frequentemente interligados. Nota-se, por exemplo, que a forma de representar a fala de uma personagem vincula-se estreitamente à caracterização geral dessa personagem – o que inclui sua relação com a linguagem . É o que veremos em *Vidas Secas*, em que o uso do discurso indireto livre para citar a fala dos sertanejos justifica-se, entre outros fatores, pelo precário uso que fazem da linguagem.

³ metáfora temporal é aquela que apresenta um efeito expressivo operado segundo um processo duplo: o de um tempo narrativo levar ao mundo comentado o sossego, a ausência de tensão. Narrar-se como se se comentasse.

3 A CATEGORIA DO ASPECTO

Na obra intitulada *Tempo, Aspecto e Modalidade: Estudos de Linguística Portuguesa*, Maria Henriqueta Costa Campos (1997, p.26) revela que:

O acto enunciativo constrói uma classe de instantes que valida uma dada relação predicativa (também construída por esse acto enunciativo). Tal classe de instantes é, portanto, representável numa espaço unidimensional (que se pode identificar a uma recta), em termos de intervalos (sucessões contínuas de pontos) com determinadas características.

Em outras palavras, a noção de aspecto é definida como a representação mental que o sujeito falante faz da duração do processo verbal, em necessária associação com as categorias de tempo e modo. Ordinariamente, dá-se destaque às representações da perfectividade por oposição à imperfectividade, da continuidade por oposição à pontualidade, da incoatividade (início do processo) à terminalidade (final do processo). Os meios de expressão são fundamentalmente quatro: lexical, quando o aspecto é depreendido do próprio significado léxico do verbo (caminhar [contínuo] x entrar [pontual]); sintático, quando o aspecto é codificado numa locução verbal, por meio de verbos auxiliares (*passar* a trabalhar x *deixar* de trabalhar); derivacional, quando o aspecto se manifesta por meio de sufixos (para o início do processo, como em *entardecer*; para a repetição da ação, como em *sacolejar*); e morfossintático, quando o aspecto se expressa por meio de desinências flexionais (*caminhou* x *caminhava*).

Joaquim Mattoso Câmara (1967 p.145) postula que nas línguas eslavas o eixo do aspecto coexiste à conjugação verbal. Segundo o professor, há uma oposição básica entre as formas imperfeitas e as formas perfectivas, “ morfologicamente em regra se concretiza, respectivamente, na ausência e na presença de um prefixos: russo *pesať* infinitivo imperfectivo de “escrever, *mapesať*, infinitivo perfectivo do mesmo verbo”.

Acrescenta ainda o professor que há uma distinção de aspecto que:

(...) Constitui na conjugação latina a divisão entre formas IMPERFEITAS ou de INFECTUM, e formas PERFEITAS ou PERFECTUM. E a posição caracteriza-se pelo tema: 1) o do perfectum contém uma alternância vocálica em face do infectum,

ou uma reduplicação como – fâcio: fêci, posco: poposci; 2) ou se individualiza pelo sufixo sigmático ou pelo sufixo –u- de origem obscura, a que voltaremos – dico: dixi (dicsi), moneo: monui; 3) ou é o infectum que se assinala pelo infix nasal (cf. § 48) – uinco: uici; 4) ou, finalmente, há uma mudança de raiz – fero: tuli: fui (144/145).

Para Travaglia (1994,p.44):

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação

Parafraseando Travaglia (1994), o conceito que se tem da categoria aspectual não está contido no tempo histórico da enunciação e sim na natureza do tempo interno.

O autor (1994,p.26) faz um quadro síntese para falar sobre a noção de expressão do aspecto pautado em Leodegário Azevedo Filho (*Para uma gramática estrutural da língua portuguesa*, do ano 1975), para justificar que o aspecto pode ser expresso pelos tempos verbais ou pelas locuções verbais em que figuram os auxiliares denominados de aspectuais. Veja-o a seguir:

ASPECTO	MEIO DE EXPRESSÃO
Momentâneo	Pres. do ind.
Durativo	Pres. do ind, pret. Imp. do ind. (duração, tempo linha), estar + gerúndio
Incoativo	Pres. do ind. (o único exemplo dado é de um verbo incoativo: amanhecer) começar + a+ infinitivo
Inconclusivo	Pret. Imp. do ind.
Conclusivo	Pret. perf. co ind., pret. Mais-que-perf. do ind., acabar + de+ infinitivo
Permansivo	Pret. perf. composto do ind., pres. do ind.
Frequentativo	Pres. do ind., costumar + infinitivo
Habitual	Pres. do ind., pret. imp. do ind.
De ação iminente	Ir + infinitivo

Sobre estes conceitos, Travaglia (p.32-33) define-os como:

1º - Aspecto pontual ou momentâneo como um processo realizado de maneira subida e instantânea;

2º - Aspecto durativo é dividido em progressivo em que o processo se intensifica cada vez mais. Em cursivo é o processo em que desenrola simplesmente e em frequentativo ou iterativo em que o processo se repete por uma série de processos pontuais;

3º - Aspecto incoativo ou inceptivo indica a ação que principia, a ação em seu começo, marca o principio de um processo;

4º - Aspecto inconcluso ou imperfeito apresenta a ação que se desdobra sem alusão ao início ou ao fim, a ação em seu curso e ainda inconclusa;

5º - Aspecto Conclusivo ou cessativo ou perfeito apresenta a ação que termina, acabada, em seu fim e já conclusa, marca o fim de um processo;

6º - Aspecto Permansivo apresenta o processo como concluso, mas permanente, persistente em seus efeitos, à maneira de uma coisa adquirida;

7º - Aspecto resultativo que registra os resultados de um processo realizado.

Estas noções semânticas do aspecto serão retomadas nos tópicos de aspecto como categoria gramatical e da sistematização do aspecto, abaixo, através de um esboço de análise sobre o conceito de aspecto contido no romance de Graciliano Ramos.

O perfectivo gramatical marcado pelo verbo no perfeito simples e pelo contexto linguístico mostra que o enunciador tem do processo uma visão sintetizada. Em outros termos, o processo é considerado como uma totalidade não segmentada de que fazem parte as suas próprias fronteiras.

O aspecto verbal revela-se através do sistema gramatical e do léxico da língua. Para o primeiro corresponde à oposição de determinados tempos gramaticais (pretérito imperfeito *versus* pretérito perfeito simples). O segundo corresponde Aktionsart⁴, modo de ação, modalidade de ação, modo de processo que engloba os lexemas verbais, determinadas perífrases verbais e os operadores de tempo e modo intra ou interproposicional – marcador verbal: adjuntos adverbiais.

Para Elena de Miguel (1999,p.2979), in BOSQUE & DEMONTE(1999.), a conceituação de aspecto “abarca un amplio conjunto de informaciones relacionadas

⁴ Palavra de origem alemã para as designações de aspecto na sua manifestação lexical, segundo Comrie, 1976.

con el modo en que tiene lugar el evento descrito por um predicado”.

Continua afirmando a autora que:

El aspecto informa sobre la manera em que un evento se desarrolla u ocurre: implicando un cambio (por ejemplo, en el caso de *madurar*) o la ausencia de cambio (por ejemplo, en el caso de *estar verde*); alcanzando un limite (por ejemplo, *llegar*) o careciendo de él (*viajar*); de forma única (por ejemplo, *dispara*) o repetida (*amatrallar*), de forma permanente (*ser español*), habitual (*cortejar*) o intermitente (*padear*).

A autora continua a explicar sobre a sistematização do aspecto, veja a fala de Miguel que diz:

El aspecto informa también sobre la extension temporal del evento: un período no acotado de tempo (..), un intervalo acotado (..),o instante (..); sobre cuál es la fase principal del evento descrito: el inicio (..), lá fase média (..) o la fase final (...) asimismo, el aspecto puede informar sobre la intensidad con que el evento tiene lugar: por ejemplo, *peinar* es un evento de intensidad neutra con respecto al intensivo *repeinar* y al atenuativo *atusar*.

Observa-se que a colocação da autora reforça todas as falas anteriores quando pontuam a noção do Tempo interno contido no modo de ação -acionais - , na flexão verbal, na semântica dos substantivos e alguns adjetivos, dos adjuntos adverbiais e dos complementos.

Outro ponto fundamental que foi mencionado por Travaglia (1994) e que Miguel também revela é a construção sintática dando a noção do Tempo interno-oposição: pontualidade *versus* duração - dentro do discurso.

Al abordar la información aspectual contenida en el contexto sintáctico organizado en torno al verbo, se entra en la zona quizá más interesante pero a la vez más compleja de las realizaciones del llamado aspecto léxico o *Aktionsart* en español, peusto que el ‘ contexto sintáctico’ abarca y entrelaza muy distintos factores determinantes de la aspectualidade global de un predicado. (MIGUEL,1999,p2997).

L. Jenaro Maclennan (1962, p.19) em seu livro *El Problema del aspecto verbal* define a noção de aspecto e de *Aktionsart*. Segundo o autor “el Aspecto de un verbo seria la expresión de una acción en cuanto terminada o en progreso (perfectivo/imperfectivo), *Aktionsart* seria la expresión de una acción en cuanto realizada de cierta manera: iterativa, durativa etc”. Ainda em suas palavras “las cosas se complicaban cuando Jakobson, en 1926, considera al aspecto como

oposición morfológica absoluta, categoria subjetiva y al Aktionsart categoria objetiva de la acción verbal”.

Este autor (1962,p.41) assinala também a sistematização do par opositivo do perfectivo e imperfectivo. Em outras palavras, “ en tal caso el perfectivo designa la acción pura y simples in consideración de duración y el imperfectivo lá acción vista en su duración”.

Exemplificando:

- * *Viu* o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas;
- * O menino deitou-se na esteira.

Em seus *Princípios de Linguística Geral*, de 1967, Joaquim Mattoso Câmara Jr. atribui ao aspecto a representação que fazemos do processo verbal do ponto de vista de sua duração. Acrescenta ainda o mestre que:

A categoria de ASPECTO não está necessariamente ligada ao tempo subjetivo ou “situado”, para usarmos o qualitativo de Marcel Cohen (Cohen, 1924 B,13). O mesmo linguística mostra, a proposito, “a dificuldade que se sente em fazer corresponder o que se chama *tempo* em semítico com os *tempos* das nossas gramaticas” (idem,14). Assim, o PRETÉRITO semítico indica a ação acabada (cf. o nosso exemplo anterior com o verbo *chegar*) e uma tradição superficial logo o associa com o nosso tempo pretérito; mas, em virtude de ser uma categoria de aspecto, intrinsecamente distinta de qualquer ideia de presente e passado, vemo-lo usado em provérbios para indicar o processo concluso, quando entre nós se imporia o presente: “o rico e o poder se encontram”, (perfeito em hebraico) “ faz a todos Deus” (Chen, 1924 B, 29, p.141).

Neste mesmo compêndio, Câmara Jr. (1967,p.142) afirma que Brugmann (1905,521/3) e Meillet (1921,183/6) “procuram depreender o sistema indo-europeu primitivo na base de uma distinção de aspecto” na gramática comparativa indo-europeia e que:

Isso levou Brugmann a uma esquematização teórica dos diversos tipos de aspectos possíveis de existir numa conjugação verbal, destacando: 1) aspecto PONTUAL, ou momentâneo- assinala um processo realizado de maneira súbita e instantânea; 2) DURATIVO – frisa a duração do processo, o qual pode intensificar-se cada vez mais (PROGRESSIVO), ou desenrolar-se simplesmente (CURSIVO), ou repetir-se por uma série de processos pontuais.(frequentativo ou iterativo); 3) PERMANSIVO – o processo é apresentado como persistente em seus efeitos, à maneira de uma coisa adquirida; 4) INCEPTIVO – apenas marca o princípio de um processo; 5) CESSATIVO, ou CONCLUSO, que marca ao contrário o fim; 6) RESULTATIVO – registra os resultados de um processo realizado .

Além das classes de palavras – verbos, substantivos, adjetivos - que contribuem para a percepção da noção do aspecto, há também locuções adverbiais

que atuam no tempo interno – segunda ordem – dando a semântica de iterativo, o habitual, o durativo, o inceptivo, o terminativo e o acabado, exercendo as funções de marcador de noção de aspecto, além de reforçar esta noção expressa por outro elemento ou para evitar a ambiguidade dentro de um enunciado. Exemplificando:

- * Ele falava às *dez horas* = valor habitual (evitar a ambiguidade);
- * Fabiana *não fala mais* de você = aspecto acabado marcado (marcador da noção de aspecto);
- * Clara procurou você *durante a tarde toda* = valor durativo;
- * Kátia falou *várias vezes*= valor iterativo;
- *Aquela menina *sempre desobedeceu* aos seus avós = habitual ;
- * *Terminarei de envernizar* seus móveis às *quinze horas* = valor terminativo (com outros elementos);
- *Se você permitisse eu *começaria a vacinar* o gado logo às *cinco horas* – valor inceptivo (com outros elementos);
- * Às *vezes* chovia forte = valor iterativo e habitual (com outros elementos);
- * Se eu *terminar de copiar* estes dados às *dezoito horas* = valor terminativo (com outros elementos);
- * Você *termina de medir* as terras *quinta feira?*= valor terminativo (com outros elementos)
- *É preciso que terminemos de fazer o almoço ao meio dia = valor terminativo (com outros elementos)

Castilho, citado por Travaglia, (1994,p.36) conceitua aspecto em três momentos diferentes. Primeiramente como a categoria que atualiza o processo com duração; em seguida, como visão objetiva da relação entre processo e estado expressado pelo verbo; e por último, como ideia de duração ou desenvolvimento. Observe a síntese desta fala de Castilho quanto à questão aspectual e depois uma subdivisão deste mesmo quadro:

VALOR	ASPECTO
Duração	Imperfectivo
Complemento	Perfectivo
Repetição	Iterativo
Neutralidade	Indeterminado

VALOR	ASPECTO
1.Duração	Imperfectivo
	Inceptivo
	Cursivo
2.Complemento	Terminativo
	Perfectivo
	Pontual
3.Repetição	Resultativo
	Cessativo
	Iterativo
4.Negação da duração e do complemento	Iterativo imperfectivo
	Iterativo perfectivo
	Indeterminado

Logo a seguir, o autor define que dentro do aspecto perfectivo cada valor (é) referenciado e diz que o perfectivo pontual, por excelência, consiste na própria noção semântica do Tempo interno não marcada – evento.

Quanto aos demais valores – resultativo e cessativo – o professor afirma que, para o primeiro, indica o resultado consequente ao acabamento da ação. E o outro, “depreende da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente”(p.36).

3.1 Aspecto e tempo

O aspecto é uma categoria gramatical que corresponde a diferentes maneiras de ver a estrutura interna do acontecimento tal como é expresso pelo verbo.

Para Costa (2002, p.12), o aspecto verbal está nas entidades de segunda ordem por representar “os acontecimentos, os processos, os estados e outros tipos de ocorrências que podem ser *localizadas no tempo*”. Continua a autora a afirmar que quando se faz referência às entidades não há existências delas, mas elas acontecem. Conforme a autora, “as entidades de segunda ordem mantêm com o

tempo a mesma relação que as entidades de primeira ordem mantêm com o *espaço*".

Costa sinaliza que as entidades de segunda ordem podem ser reveladas com a noção semântica de acontecimentos, atos, processos, atividades e estados tendo os seguintes traços +/- durativo, +/- dinâmico, +/- agente. Veja a exemplificação no quadro criado pela autora (p.14):

Tipos	Traços				Exemplos
	Durativo	Dinâmico	Permanente	Agente	
Acontecimentos	-	+	-	-	Cair
Atos (Ações)	-	+	-	+	Quebrar
Processos	+	+	+/-	-	Crescer
Atividades	+	+	+/-	+	Ler
Estados	+	-	+/-	-	Continuar

A autora (2002,p.15) continua a pontuar que "o verbo é a classe de palavras que indiscutivelmente toma o tempo como referência". Costa coloca em relevância que outras classes de palavras também podem ter a entidade de segunda ordem, bem como os substantivos correlatos desses verbos referenciados acima: ler > leitura (atividade), crescer > crescimento (processo) , continuar > continuação (estado), os adjetivos, alguns advérbios por terem a marca semântica de ação (perfectivo) ou de processo (imperfectivo).

Por estes turnos, entende-se que a noção de ação remete ao conceito de duração, podendo ser observado pelo verbo *viver* ou pela noção de pontualidade, que pode ser percebida pela semântica do verbo *chegar*.

Assim, a ação pode igualmente estar sendo realizada ou já ter terminado de realizar-se. Este processo de realização pode acontecer em um futuro próximo, em vias de se realizar, pode ter acabado de acontecer –passado recente - , pode repetir-se.

O aspecto é frequentemente indicado pelo sentido do verbo ou os tempos verbais que também servem para exprimir o aspecto. Por exemplo, pode-se

empregar o passado simples para significar que o processo já terminado em sua totalidade; pode-se empregar o imperfeito para exprimir que o processo ainda não terminou.

Costa (2002, p.17) revela que: o “Tempo é uma categoria que marca na língua, através de lexemas, de morfemas, de perífrases, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, tomando-o como ponto de partida – dêitico da enunciação.”

Costa (p.21) cita Castilho (1968,p.14) e afirma que, para autor “aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo”.

A noção de tempo, como em português, é ambígua pois pode designar o tempo vivido e o tempo gramatical. Pode-se definir o tempo em relação ao momento em que se fala – o momento do enunciado -, e o momento em que se situa o acontecimento ou a ação da qual se fala. Ou esses dois momentos se coincidem, ou não, se o acontecimento pode se situar antes ou depois do momento em que se fala.

O segundo, o tempo verbal que sinaliza os momentos e os períodos de tempo em que ocorrem as ações. Os estados expressos pelo verbo são relevantes em, pelo menos, três apresentações gramaticais para se estabelecer a interpretação temporal de uma determinada sentença. Na primeira, o tempo em que se encontra o verbo, expresso pelos morfemas verbais, lexemas, perífrases. Na segunda, a presença possível de auxiliares de tempo e, na última, o tipo de adjuntos adverbiais eventualmente presentes na sentença.

Por este turno, Costa (2002, p.11-12) afirma que esta noção de tempo é entidade de primeira ordem por estar representado “pelos objetos, incluído os seres humanos, que nelas ocupam posição privilegiada do ponto de vista do tratamento linguístico, em relação, numa linha decrescente, aos animais e aos inanimados”. Acrescenta ainda a autora que pode exemplificar “o privilegio dado às entidades de primeira ordem no português, assim como em muitas línguas, através da estrutura sintática, que preferencialmente atribui o papel privilegiado de Agente”. E por ocupar “a primeira posição na sentença aos signos linguísticos que referem seres humanos, se estão presente no enunciado” – o tempo físico.”

Observa-se que o sistema verbal da língua portuguesa é organizado em torno do eixo temporal que se divide em passado e presente ou tempo passado, presente

e futuro, localizando o enunciador e o seu enunciado em relação ao momento de enunciação – origem da temporalidade discursiva.

A distinção entre os conceitos de aspecto e tempo - categorias que representam o tempo - localizam determinado processo referente a um falante que o desenrola em outro processo, deslocando-o a um momento idealizado, em um espaço em que a ação foi ou será realizada.

3.2 Aspecto como categoria lexical

Além do conceito de aspecto verbal contido na estrutura gramatical do verbo, há também a noção na categoria nominal por apresentar a mesma semântica cursiva do processo.

Para tal, o aspecto lexical refere-se às propriedades aspectuais inerentes do núcleo do verbo e outros itens lexicais empregados pelos falantes para descrever uma dada situação. É independente da referência do tempo e de qualquer marca morfológica. Assim, os verbos cantar e falar, por exemplo, são inerentemente durativos, enquanto que lembrar é inerentemente um verbo de estado.

Aspecto lexical deve ser distinguido de aspecto gramatical, pois o primeiro conceito diz respeito à estrutura essencialmente temporal de uma situação como determinado pelo predicado e pelo contexto. Já o segundo relaciona-se com o ponto de vista do qual uma situação é visualizada. A categoria de tempo descreve a situação temporal de uma ação em relação ao momento do enunciado ou algum outro ponto temporal de orientação.

Quanto a esta questão aspectual contida no léxico, entende-se como destaca Ataliba de Castilho em seu trabalho de estudo acadêmico intitulado *Introdução ao estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa* (1968), que classifica os verbos em duas classes semânticas bem como os verbos télicos (ação) e atélicos (processo). Os primeiros exprimem ações tendentes a um fim sem o qual essa ação não ocorre, por exemplo: *matar, morrer, cair, engolir*, etc. Os atélicos indicam ações que não tendem a um fim, representando o processo em sua duração, da qual não se exige complemento para admitir-lhe a existência, por exemplo: *mastigar, viver, escrever, acompanhar* entre outros.

Em virtude de sua natureza semântica, os verbos télicos atualizam aspecto perfectivo e os atélicos aspecto imperfectivo, ressalta a possibilidade de mudança de classe em virtude da flexão, dos adjuntos adverbiais e dos complementos. Tanto os verbos télicos quanto os atélicos expressam o aspecto iterativo.

Por este turno, como afirma Vendler retomando Aristóteles, entende-se que essas classes de verbos são classificadas também de acionais por representar um tipo de evento. Vendler propõe a divisão dos predicados das línguas naturais em quatro classes bem como estado, atividade, accomplishment e achievement, também chamadas Aktionsart. Tal divisão é baseada na noção de que cada verbo toma a noção de tempo de uma maneira distinta e pressupõe um determinado esquema temporal. As classes acionais representam esses possíveis esquemas.

Castilho (2010, p.414), mostra em ângulo diferente da visão de Vendler por escolha de simplificação das classes. O autor afirma que “a primeira sistematização conhecida para as características acionais do verbo foi feita, até onde sabemos, por Aristóteles [...]. Ela separa os verbos em três grandes categorias “estados”, “movimentos” e “atividades”.

Para Mira Mateus, este verbo, indica evento télico que denota situação/duração. Sobre este conceito Mateus (2003, p.134) nos revela que “os eventos podem ser télicos ou atélicos, isto é, tenderem para um fim ou não. Cada tipo de situação ou não duração”.

Sobre a noção de télico ou atélico pode-se observar que é o termo usado na análise do aspecto para referir uma ação que tem um limite temporal bem definido, como pode ser visto através dos verbos “cair” e “sentar”, que são exemplos de verbos télicos, por oposição aos verbos atélicos, como, por exemplo, os verbos “jogar” e “olhar”, que expressam ações com limites temporais não completamente definidos, segundo a análise de Comrie (1976):

Caiu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se, endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteiras, mas o resto do corpo ficou deitado de banda. Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, ralando as patas, cravando as unhas no chão, agarrando-se nos seixos miúdos. Afinal esmoreceu e aquietou-se junto às pedras onde os meninos **jogavam** cobras mortas (RAMOS, 2004, p.88).

Em outros termos, a noção de traço télico e atélico visto nos verbos representa a ideia que denota uma ação que tem um fim inerente, envolvendo, assim, situações que resultam em mudança de estado ou locação.

Para Travaglia (1994 p,61), “verbo télico é aquele que indica uma situação que necessariamente chega a um fim, ou seja, uma situação que marcha para um clímax ou ponto terminal natural”. E o atélico “é aquele que indica uma situação que não tende a um fim necessário”.

Segundo Kreidler (1998, p.206), “as ações e eventos que são designados por predicados dinâmicos podem ocorrer dentro de um breve instante ou podem se estender por um longo período de tempo, e a diferença pode ser devido à circunstâncias externas ou à natureza da própria ação.”⁵

Os verbos télicos ou ditos de transitórios remetem para processo que implica a mudança de início semântico por atingir de uma finalidade, conforme exemplificam os verbos *nascer, chegar, florir* entre outros.

Os verbos atélicos ou ditos de não transitórios remetem para processos que são independentes da noção de limite porque pode ser duradoura indefinidamente, conforme exemplificam os verbos *amar, andar, chover, estar*.

Retornando a noção aspectual no léxico – verbo télico e atélico –, que releva a noção de evento de estado, de ação e de processo, entende-se que os verbos télicos apresentam a carga semântica perfectiva – ação, enquanto que nos atélicos a carga semântica é imperfectiva. Ou seja, há um quadro de oposição entre o tempo interno marcado ou não.

Câmara Jr. (1967, p.142) revela que “em português, alguns desses aspectos estão radicados na significação de certos verbos; vimo-lo a propósito de *partir* e *chegar*, que são verbos essencialmente –o primeiro, inceptivo”. Ainda para o professor, o segundo verbo é dito “de cessativo”. Analogicamente, *cair* é pontual; por isso, na cantiga infantil do nosso folclore temo-lo repetido para indicar uma queda lenta, de aspecto durativo: “*cai, cai, balão, na rua do Sabão...*”

Observe o quadro síntese sobre aspecto lexical tendo a semântica de eventos, atividades e estados:

⁵ Texto original the actions and events that are designated by dynamic predicates may occur within a brief instant or may stretch out over a longer period of time, and the difference may be due to external circumstances or to the nature of action itself.

ASPECTO	EXPLICAÇÃO	EXEMPLO
Eventos Instantâneos (valor Pontual)	<p>* Situações pontuais: trata-se de <i>eventos</i> que se identificam com a sua própria finalidade ou transição.</p> <p>*Os eventos instantâneos são compatíveis com locuções <i>adverbiais</i> temporais pontuais , mas não com locuções</p>	<p>* Carolina chegou às <i>duas horas</i> (locução adverbial pontual)</p> <p>*A Carolina chegou <i>durante duas horas</i>. (locução adverbial durativa)</p>
Eventos Prolongados (valor durativo)	<p>*Eventos associados a uma duração: compatíveis com locuções <i>adverbiais</i> aspectuais durativas - decorre também o valor <i>imperfectivo</i> do aspecto <i>gramatical</i>.</p>	<p>*almoçar em quinze minutos;</p> <p>* pintar uma tela em um dia</p> <p>* pintar a parede durante meia hora</p>
Atividade	<p>*A atividade não possui um último ponto inerente à sua definição, podendo portanto, teoricamente, prolongar-se indefinidamente. São compatíveis com locuções <i>adverbiais</i> durativas</p>	<p>*correr, nadar, ler, ler romances, dormir, tocar piano</p> <p>* correr durante uma hora, ler durante uma hora, tocar piano durante meia hora, dormir até ao nascer do sol</p>
Estado	<p>* Situações caracterizadas pelo traço [-Dinâmico], homogêneas e independentes da dimensão temporal. São incompatíveis com o aspecto <i>perfectivo</i> e, em princípio, não se combinam com a perífrase aspectual progressiva nem com a modalidade deôntica;</p> <p>*Quando essa combinação é possível perante um estado temporário, que adquire características de atividade. Os estados exprimem propriedades, sentimentos, relações de localização;</p> <p>Alguns estados são implicados pela realização de um <i>evento</i>, da qual constituem a consequência.</p>	<p>* Mariana gosta de uvas.</p> <p>*A Maria está a estar em casa.</p> <p>* Mariana está agradável;.</p> <p>*Mariana, deves ser agradável!</p> <p>* ser simpático, ser alto, saber línguas, gostar de cinema, estar em casa, estar doente, ter amigos</p> <p>*Fabiano está morto.</p>

3.3 Aspecto como categoria gramatical

Ataliba T. de Castilho, em sua *Gramática do Português Brasileiro* (2010,p.424), concebe a noção de aspecto perfectivo pontual com as seguintes propriedades:

- (1) Apresenta a predicação em sua completude, sem qualquer menção a fases.
 - (2) Tal como o imperfectivo, ocorre em predicações dinâmicas, com sujeito / específico / na maior parte das vezes.
 - (3) Ocorre na figura das narrativas, isto é, nos segmentos em que se narra o evento central.
 - (...)
- O presente, o pretérito perfeito simples e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo flexionados com verbos télicos confirmam a pontualidade deste, caso não intervenham outros fatores.

Conforme Castilho, o aspecto perfectivo pontual ou momentâneo indica que o processo é instantâneo:

(...) **Fez** um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.(p. 89).

A noção de aspecto perfectivo cursivo, progressivo ou durativo revela a ação em seu desenvolvimento. Em outros termos, apresenta o estado de coisas em pleno curso, sem referência inicial e final:

(..) **coçando**-se a esfregar as peladuras no pé-de-turco, levou a espingarda ao rosto. A cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e **foi-se desviando** até ficar no outro lado da árvore, agachada e arisca, **mostrando** apenas as pupilas negras(p. 87)

O aspecto dito de conclusivo é aquele processo visto em seu fim, como concluso e com um resultado. Exemplificando:

Na luta que **travou** para segurar de novo o filho rebelde, **zangou**-se de verdade. Safadinho. **Atirou** um cocorote ao crânio enrolado na coberta vermelha e na saia de ramagens e “ (..) reboavam na areia do rio e no estrume fofo que **ia subindo**, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras (p, 86).

A noção aspectual denominada de permansivo caracteriza o processo concluso cujos efeitos se prolonga no tempo. Exemplificando, “ (...) mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, *deitou-se, fechou* os olhos (p.9)”

* Incoativo ou inceptivo em que o processo verbal é visto em seu começo. Este aspecto depende fortemente de construções perifrásticas de infinito e gerúndio. Exemplificando, “ ao *chegar* às catingueiras, modificou a pontaria e puxou o gatilho. A carga alcançou os quartos traseiros e inutilizou uma perna de Baleia que se pôs a latir desesperadamente (p,87)”.

Para Castilho (2010, p.426), o aspecto iterativo tem as seguintes propriedades:

- (1) Representa uma qualificação do imperfectivo e do perfectivo. Desde ponto de vista, não se trata, a rigor, do “outro aspecto” e, em consequência, haverá um iterativo imperfectivo e um iterativo perfectivo. Nesta descrição, não me fixei nesses subtipos, para deixar mais claros os mecanismos de composição de uma predicação iterativa.
- (2) O sujeito das predicções quantificadas é habitualmente / não específico?, pluralizado. Como nas entrevistas do Projeto Nurc predomina uma articulação discursiva degenerada, o iterativo se mostrou muito produtivo.
- (3) O componente léxico é irrelevante na composição iterativa, se descontarmos poucos itens com marcação iterativa derivacional em *-ejare - itar*, ou auxiliares como *costumar* e *habitar-se* a. Com isso, o iterativo depende mais acentuadamente que os outros aspectos dos fatores de natureza composicional.

Pode-se afirmar que o aspecto Iterativo ou frequentativo exprime uma série de processos repetidos que podem ser vistos através dos verbos voejar, saltitar, tenho falado, bate que bate entre outros. “Pouco a pouco a cólera diminuiu, e Sinha Vitória, *embalando* as crianças, enjoou-se da cadela achacada, *gargarejou* muxoxos e nomes feios. (p, 86)”.

Ainda na visão de Castilho (2010, p.425) sobre o aspecto perfectivo resultativo e suas propriedades:

- (1) ocorre nas predicções estático-dinâmicas, associando um ação a um estado; (2) a ação, necessariamente tomada no passado, é pressuposta; (3) o estado presente decorre dessa ação; (4) há relações entre o resultativo e a voz passiva, estudadas por Comrie (1981) e Camacho (2002). Formas simples e perifrásticas codificam o resultativo. Alguns verbos simples assinalam a mudança do estado do sujeito, expressando lexicalmente o resultativo.

Segundo o autor, é possível comentar que o aspecto perfectivo resultativo, também chamado de consecutivo, traz um resultado a ação e pode ser visto pelos

verbos auxiliares e todos os infinitivos. Exemplificando com Graciliano, “abriu os olhos a custo” (p, 90).

Já na noção aspectual dito de iminencial, a ação é iminente, prestes a acontecer e pode ser observada através dos verbos auxiliares, gerúndios e o infinitivo regidos de *a* ou *para*, conforme se comprova no segmento “ a cachorra Baleia estava para morrer” (p. 86).

Há ainda os auxiliares que revelam o modo segundo o qual o emissor encara o processo; são os verbos auxiliares denominados de modais bem como almejar, atrever-se a, buscar, desejar, dever, experimentar, haver de, ir, necessitar, ousar, poder, precisar, pretender, procurar, propor-se (a), *querer, dever, saber, tentar, ter de*, tratar de, vir, visar a. Pode-se atestar esse tipo de verbo no trecho “a cachorra espiou o dono desconfiada, enroscou-se no tronco e foi-se desviando.

Exemplificando:

- * *Queria* enganar-se (p.119);
- * *Queria* era desgraçar-se (p.78);
- * Ela própria não *saberia* explicar-se (p.73);
- * Se ele *soubesse* falar como sinha Terta (p.97);
- * (...) *tentava* produzir algumas (p.20);
- * *Tentou* recordar o seu tempo de infância (p.20);
- * *Devia* ser ignorância da mulher (p.93);
- * Não devia tratá-lo assim (p.94);
- * *Tratar* de bichos (p.123);
- * *Viera* a trovoada (p.18);
- * *Veio* lambar-se a carícia (p.19).

As construções feitas a partir da perífrases verbais que constituem o recurso mais produtivo para a expressão aspectual em português ajudam na sistematização do Tempo interno do discurso linguístico para nos remeter a noção de processo, de estado e de atividades.

Observe outros exemplos de perífrases contendo a noção de aspecto:

- *Eles estavam assistindo Tv;
- * Eles continuavam assistindo Tv;
- * Começaram a fazer perguntas;
- * Continuaram a fazer perguntas;
- * Estavam a fazer perguntas.

A partir destes poucos exemplos, já pode-se perceber a diferença de significado quando se utiliza algum desses verbos aspectuais. Eles agem sobre o verbo principal trazendo uma nova informação semântica, como se fossem advérbios caracterizando aquela ação verbal.

Acrescenta-se, ainda, que a noção de aspecto pode ser expressa por sufixos tais como:

*-ECER: “Baleia *endoidecer* e lamentava que o marido não houvesse esperado mais um dia para ver se realmente a execução era indispensável.(GRACILIANO, 2004,p,86)”, dando a concepção de aspecto incoativo. Entende-se por este conceito, é aquele que toma o verbo quando o fato é revelado no seu começo.

* - EJAR, - ITAR: “começou a *arquejar* penosamente, fingindo ladrar. Passou a língua pelos beijos torrados e não experimentou nenhum prazer.(2004,p, 89)”, revelando a ideia de aspecto iterativo. Em outros termos, o aspecto iterativo é o que tem o presente do indicativo da conjugação que anterioridade, na maioria das vezes.

Para Mattoso Câmara (1975), a formação lexical dos verbos a partir do emprego de sufixo leva a mudança em um semantema particular sem afetar a significação inerente. Ou seja, mudança aspectual do Tempo.

A noção aspecto pode ser visto por um verbo auxiliar bem como começar a, entrar a, apresentando a noção de aspecto inceptivo ou incoativo:

Os meninos **começaram** a gritar e a espernear. E como Sinha Vitória tinha relaxado os músculos, deixou escapar o mais taludo e soltou uma praga” e “**começou** a arquejar penosamente, fingindo ladrar. Passou a língua pelos beijos torrados e não experimentou nenhum prazer. O olfato cada vez mais se embotava: certamente” (p,86- 98).

Acrescenta-se, ainda, que o contexto cronológico visto no tempo verbal do pretérito imperfeito permite a observação da noção do aspecto cursivo, ou seja , é o durativo em que o processo se desenrola simplesmente, ao passo que o perfeito é conclusivo. Em outros termos, apresenta a ação que termina acabada, em fim e já conclusiva, marca o fim de um processo. Exemplificando com Graciliano (2004), “Baleia *encostava* a cabecinha fatigada na pedra. A pedra *estava* fria, certamente Sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.(p.91)” e “(..) *lixou-a, limpou-a* com saca-trapo e fez *tenção* de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito(p, 85)”

E mais, sobre essa noção, reconhece-se que é pela própria significação do radical visto no verbo *cair* que permite identificá-lo semanticamente a noção pontual e sobre este conceito Travaglia (1994,p.33) define como “um processo realizado de maneira subida e instantânea”. No verbo *partir* tem-se o sentido incoativo, para esse conceito o autor afirma que nos dar a “ideia de ação indicada mas ainda não concluída, no verbo *chegar* é conclusivo, por conclusivo é definido por marcar o fim de um processo” e no verbo *andar* coloca-se dentro do paradigma de cursivo entendido porque há processo que desenvolve de maneira simples, no verbo *saber* é permansivo por entender que o processo apresenta-se como concluso, mas permanente, como bem afirma o autor acima “persistente em seu efeitos, á maneira de uma coisa adquirida”. Em outros termos,“(..) o pêlo *caíra*-lhe (p,85)”, “(..) atravessou o corredor e *chegou* à janela baixa da cozinha (...)” e “nesse momento Fabiano *andava* no copiar,(..) cabeça (p. 87).

Portanto, o aspecto verbal é uma categoria verbal ligada ao tempo, isto é, a noção aspectual indica o espaço temporal ocupado pela situação em desenvolvimento, delimitando a sua duração.

Travaglia (1994,p.295) relewa, a partir de Comrie (1976), que “nenhuma língua em especial, falando sobre tempo, também registra que “o chamado tempo futuro de muitas línguas tem valor modal, bem como o de tempo”. Acrescenta que “Todavia (..) afirma que a razão da ausência de uma distinção aspectual bem marcada neste tempo pode ser o fato de o futuro, em muitas línguas, ser um tempo pobremente diferenciado, como um tempo distinto do presente”.

O quadro síntese abaixo nos remete ao conceito de aspecto na categoria verbal, contido na nomenclatura gramatical das gramáticas vernáculas e na análise linguística :

ASPECTO	EXPLICAÇÃO	EXEMPLO
Imperfectivo	<ul style="list-style-type: none"> * Refere um processo em realização, inacabado; * Valor aspectual de um enunciado que representa uma atividade, um <i>estado</i> ou um evento prolongado, construídos como homogêneos, quer estejam em curso ou não; * A duração das situações imperfectivas pode ser 	<ul style="list-style-type: none"> * Estudo em uma república; * Mariana está a ler o gibi; * Mariana leu durante duas horas; *Esta manhã, a Mariana vai andar até ao shopping; * Mariana estava a ler um gibi quando a vi;

	<p>determinada extrinsecamente por locuções adverbiais durativas;</p> <p>* O imperfectivo pode combinar-se com os valores temporais de simultaneidade, anterioridade e posterioridade</p>	<p>* Mariana vai estudar com o Joana;</p> <p>*Mariana leu em mês .</p>
Perfectivo	<p>* Apresenta um processo completo, terminado no momento da enunciação-ponto de referência exterior</p> <p>* O perfectivo pode combinar-se com os valores temporais de anterioridade e de posterioridade mas não de simultaneidade;</p> <p>* O aspecto perfectivo implica a construção de um estado resultante;</p> <p>* O pretérito perfeito simples e as formas de futuro são geralmente marcadores linguísticos de valor perfectivo quando se combinam com eventos instantâneos e com eventos</p>	<p>* Maria leu o gibi =. O gibi está lido;</p> <p>* Maria vai ler o gibi esta noite =O gibi vai estar lido esta noite;</p> <p>* Mariana desmaiou = A Maria está desmaiada;</p> <p>* Mariana leu um gibi durante uma semana = o gibi ainda não está lido.</p>

ASPECTO	EXPLICAÇÃO	EXEMPLO
Genérico	<p>* Diz-se que um enunciado tem valor genérico quando refere uma pluralidade infinita de situações, construídas como atemporais e verdadeiras em toda e qualquer situação de enunciação;</p> <p>* O verbo ocorre geralmente no presente do indicativo, designado, nestes casos, por presente genérico;</p> <p>As expressões nominais sobre as quais incide a predicação são interpretadas referencialmente como classes e não como indivíduos específicos</p>	<p>*O homem é mortal;</p> <p>*Um homem não chora;</p> <p>*Homem prevenido vale por dois;</p> <p>* Se queres a paz, prepara a guerra;</p> <p>*Quem cala consente;</p> <p>*Dois e dois são quatro.</p>
Habitual	<p>* Diz-se que um enunciado tem valor habitual quando refere uma pluralidade teoricamente infinita de situações que se sucedem</p>	<p>*O João joga vôlei nos fins de semana;</p> <p>* Os amigos de Joana costumam lanchar na</p>

	<p>durante um período construído como ilimitado. Corresponde geralmente à predicação de uma propriedade sobre um indivíduo ou um grupo de indivíduos;</p> <p>* A pluralidade de situações construídas pode ter como ponto de referência o tempo da enunciação e, nesse caso, o verbo ocorre no presente do indicativo e pode ter como ponto de referência uma coordenada temporal distinta do tempo da enunciação e, nesse caso, o verbo ocorre no pretérito imperfeito do indicativo;</p> <p>* O valor habitual combina-se frequentemente com o valor iterativo;</p> <p>* O valor habitual é um valor aspectual imperfectivo.</p>	<p>escola;</p> <p>*A Joana lanchava na escola quando estava no jardim de infância .</p> <p>* A mãe do Joana costumava fumar um depois do almoço.</p>
Pontual	<p>* Indica um processo que dura apenas um instante;</p> <p>* Um enunciado tem aspecto pontual quando a situação representada pelo seu conteúdo proposicional é construída sem qualquer duração e portanto sem estrutura interna;</p> <p>* Quando o termo 'pontual' caracteriza o aspecto lexical de uma expressão predicativa, a situação representada identifica-se geralmente com um evento instantâneo;</p> <p>* O aspecto pontual só é compatível com o aspecto imperfectivo quando o enunciado tem valor iterativo</p>	<p>* Mariana passou mal no clube;</p> <p>* A bomba explodiu;</p> <p>* Mariana caiu;</p> <p>* Repentinamente falou;</p> <p>* Mariana chegou às três horas.</p> <p>* Mariana chega sempre atrasada à aula das oito.</p> <p>* Chegaram soldados durante horas.</p>
Durativo	<p>* Exprime uma ação que perdura no tempo;</p> <p>* O aspecto durativo pode ser expresso pelo tempo, por uma perifrástica, pela repetição do verbo ou por advérbios ou locuções</p>	<p>* Ele dorme profundamente;</p> <p>* Está a dormir;</p> <p>* Ele esperava</p>

	<p>adverbiais</p> <p>* Caracteriza-se o aspecto lexical de uma situação como durativo quando o tempo que lhe é associado se estende durante um período de tempo necessariamente diferente de zero;</p> <p>*As situações durativas são delimitadas intrinsecamente - no caso dos eventos prolongada e são delimitáveis extrinsecamente - no caso dos estados e das atividades.</p>	<p>ansiosamente notícias;</p> <p>* Ele tem treinado muito;</p> <p>* O João vai jogar toda a tarde;</p> <p>* Voava, voava;</p> <p>* A pouco e pouco esqueceu os desgostos;</p>
Iterativo	<p>* Exprime uma ação que se repete. O aspecto iterativo pode ser expresso pelo tempo do pretérito imperfeito ou pretérito perfeito composto, por uma perifrástica, por sufixo ou por locuções adverbiais.</p> <p>* Um enunciado tem valor iterativo quando refere uma pluralidade de situações eventuais que se repetem regularmente durante um período de tempo delimitado ou não delimitado;</p> <p>* Em português, o tempo verbal pretérito perfeito composto exprime, por si só, o valor iterativo;</p>	<p>* Fabiana mordiscava os lábios;</p> <p>* Os touros foram espicaçados;</p> <p>* Eles têm ido à praia todos os dias;</p> <p>* Tomo duche todos os dias;</p> <p>* Ela saltita o dia todo;</p> <p>* O ano passado, o João foi ao cinema todas as semanas.</p> <p>* Quando era estudante, o João ia ao cinema todas as semana</p>
Incoativo ou Inceptivo	<p>Apresenta o início de uma ação.</p>	<p>* Eles adormeceram;</p> <p>* O filho começou a andar;</p> <p>* A paisagem amarelecia;</p> <p>* Vai passear.</p>
Cessativo ou Conclusivo	<p>Apresenta a ação na fase final. O aspecto cessativo pode ser expresso pelo tempo verbal, pelo conteúdo lexical ou semântico ou por uma perifrástica.</p>	<p>* Deixará de estudar;</p> <p>* Acabara de sair;</p> <p>* As aulas acabam hoje.</p>

3.4 Aspecto verbal: outros enfoques

Em nossa análise do aspecto, importa fundamentalmente a distinção entre o processo perfectivo e o imperfectivo do verbo. Para o primeiro, há noção semântica temporal do verbo não-marcada, por oposição à segunda, que é marcada. Essa distinção contribui para o reconhecimento de que o perfectivo expressa o fato enunciado global e como revela Comrie (1976,p.16 e ss) in: Costa (2002, p.31) que a noção perfectiva refere a:

Falta de referência explícita à constituição temporal interna de uma situação, mais do que explicitamente implica a falta de tal constituição temporal interna. Por isso, é possível para formas perfectivas serem usadas para situações que são internamente complexas, tais como aquelas que perduram por um considerável período de tempo ou incluem um número de fases internas distintas, desde que o todo da situação seja tratado de fases internas distintas, desde que o todo da situação seja tratado como um conjunto único.

Em outros termos, o perfectivo indica uma ação decorrida, ou seja, a ação já determinada ou marcada de alguma forma em sua temporalidade, não é marcada semanticamente.

Já a noção semântica imperfectiva expressa a temporalidade verbal interna que se desenrola – expressão de cursividade -, ou fases de tempo interno com a expressão de fases inicial, intermediária ou final. Ou expressando estados resultativos que remetem linguisticamente à constituição temporal interna de um processo que os antecedeu. Para uma melhor compreensão deste termo, o imperfectivo indica a duração, é semanticamente marcado e expressa uma temporalidade interna, como um fragmento de tempo que se desenrola. O iterativo é intermediário dos dois aspectos anteriores, indica a frequência, portanto a repetição do ato e indeterminada ou aspecto zero.

Entende-se, assim, que a oposição de pontualidade ou não, consumado ou não pode ser verificada pela diferença léxica dos verbos:

* *Morar* indica a noção semântica durativo que se opõe e *mudar* remete à noção de pontual do tempo interno;

* *Nascer* indica a noção semântica com o valor pontual que difere de *viver* que remete à noção durativa.

Pela oposição pontual *versus* durativo expressa pela construção sintática:

* Subiu o morro indica o processo durativo;

* Subiu na sala indica o processo pontual.

Pela oposição consumado *versus* não consumado expressa pela diferença entre o pretérito perfeito indicado de ação – não semântica não marcada – e o imperfeito responsável pela noção semântica de processo:

* Morou *versus* morava;

* Chegou *versus* chegava.

Pela oposição aspectual marcada pela diferença entre forma simples e forma perifrástica:

* Ele pôs-se a caminhar *versus* ele caminhou;

* Ele começava a falar *versus* ele falava.

Pelo mesmo verbo flexionado no pretérito perfeito pode expressar a duração ou a pontualidade do processo:

* Dormiu imediatamente igual a adormeceu - marca semântica de pontualidade;

* Dormiu a tarde toda igual a passar a tarde dormindo - conceito de tempo interno durativo.

Por este turno, Costa (2002, p.31) revela que o verbo no pretérito perfeito é indicador de ação, ou seja, noção de tempo interno não marcada mas que a escolha lexical do enunciador em seu discurso poderá ser indicador de processo – imperfectividade. Essa noção de mudança de estado – ação e processo - é reforçada pela autora citando Lyons (1980, p.329) , em seu livro de análise, “aquilo que é objetivamente, e em termos de percepção pelo falante, uma mesma situação, pode ser representado como um processo ou um acontecimento, a depender de o falante se interessar ou não pela sua estrutura temporal interna”.

Ainda Costa (2002,p.45-46) define a noção de aspecto a partir dos traços de perfectividade e imperfectividade:

É oportuno, ao tratar de Tempo verbal em face da categoria de Aspecto, lembrar que não existe, como alguns autores sugerem, nenhuma vinculação obrigatória entre os Tempos simples e a categoria de Tempo e os Tempos compostos e a categoria de Aspecto. O Pretérito Perfeito Composto é o único Tempo composto do português que pode, em certas circunstâncias, portar traço de imperfectividade, enquanto um Tempo simples, como o Pretérito Imperfeito (...), também pode portar esse traço de marca aspectual. (...) os verbos do português, em qualquer Tempo, simples ou composto, podem ser conjugados com marca aspectual através de perífrases apropriadas.

Observa-se a seguir uma pequena análise das relações aspectuais contidas em *corpus* do romance de Graciliano Ramos *Vidas Secas* (2004) que pode nos remeter à noção de processo ou de ação.

A oposição da noção semântica aspectual consumada *versus* a não consumada ocorre pela diferença entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito:

*Os juazeiros alargavam duas manchas verdes (p.9);

* A égua alazã e o bode misturavam-se com alguém (p.48);

*Um fartum espalhou-se pelos arredores (p.49).

Os exemplos cima refletem um traço semântico distinto para o verbo *espalhar*, pois ele traz a carga semântica de imperfectivo – processo, verbo indicador de processo sem inicio e fim, o que Vendler chama de verbo de atividade – mas Graciliano coloca estilisticamente dentro do campo perfectivo – ação – para enfatizar a ideia de um fato como um todo, referido como completo.

Dentro do quadro de Costa (2002), estes verbos apresentam traços [+ durativo], [+ dinâmico], [+ permanente] e [+ Agente].

Pela oposição da noção semântica aspectual de pontual *versus* durativo pela diferença lexical dos verbos:

*Passou a ideia de abandonar (p.10);

* Sem ânimo de afrontar (p.13);

*E antes de se entender, antes de nascer (p.23);

* Ver terras (p.23);

Neste grupo de verbos há traço semântico de pontualidade e duração com pode ser observado mais também nos mostra a carga semântica aspectual incoativo ou inceptivo, pois o processo verbal é visto em seu começo para o verbo “ nascer” e cursivo ou durativo porque se vê a ação em seu desenvolvimento para os verbos “ abandonar”, “afrontar” e “ entender”.

Para Costa (2002), estes verbos apresentam traços [+ durativo], [+ dinâmico], [+ permanente] e [+ Agente]. E para o verbo “ nascer” dito de tipo de atividade na fala de Vendler e de Aristóteles apresentam traços [+ durativo], [+ dinâmico], [+/- permanente] e [+ Agente].

Pela oposição da noção semântica aspectual de pontual *versus* durativo pela construção sintática:

* Entrou a dançar desengonçado (p.51);

- * Entrou na cozinha (p.41)
- * Encaminhou-se aos juazeiros (p.48);
- * Lembrou-se do acontecimento da véspera (p.48);
- * Aproximou-se do chiqueiro das cabras (p.48);
- * A camisinha de algodão atravessou o pátio (p.49);

Para estes grupos de verbos pode-se observar que a natureza semântica aspectual é de processo imperfectivo pela própria natureza, mas com o tempo do verbo revelando a noção perfectiva para reforçar o conceito de incerteza do sertão quanto à possibilidade de dias melhores. São verbos que apresentam traços semânticos de [+/- durativo], [+/- dinâmico], [+/- permanente] e [+ Agente] atualizando a categoria de Tempo – aspecto verbal.

Pela oposição da noção semântica aspectual marcada pela diferença entre a forma simples e forma perifrástica:

*“Foi-se apanhar gravetos” (p.13) *versus* “apanhou uma brasa com a colher” (p.42);

* “Pôs-se a caminhar” (p.49) *versus* “levantou-se e caminhou atrás do amarelo” (p.27);

*o que pretendia dizer (p.48) *versus* “ dizia palavras difíceis (p.22);

* O outro iria rir-se (p.49) *versus* riu-se encantado com a esperteza de Sinha Vitória (p.109);

* O bode ia saltar(p.49) *versus* numerosos preás (..) saltavam (p.91);

* la mostrar aos dois uma proeza (p.50) *versus* (..) que lhe mostrava simpatia (p.56).

No grupo de verbos acima, a natureza semântica lexical da noção aspectual é de atividade para os verbos “apanhar” e “caminhar”, a natureza semântica lexical da noção aspectual é iteratividade ou frequentativo por exprimir uma série de processos repetidos na natureza semântica lexical contida no verbo “ saltar”, a natureza semântica lexical da noção aspectual é ação para o verbo “mostrar”, a natureza semântica lexical da noção aspectual de estado para o verbo “ rir” e a natureza semântica lexical da noção aspectual é de processo imperfectivo mas que é desconstruído pelo tempo verbal de ação – para os verbos no tempo simples pretérito perfeito: “apanhou”, “levantou-se” e “riu-se”. Nos demais verbos, a natureza imperfectiva é reforçada pelo tempo verbal do pretérito imperfeito do indicativo.

Reproduzindo o quadro de Costa (2002) quanto ao traço semântico, esses verbos destacados ficam assim classificados:

Tipos	Traços				Exemplos
	Durativo	Dinâmico	Permanente	Agente	
Acontecimentos	-	+	-	-	x
Atos (Ações)	+	+	+	+	Mostrar
Processos	+	+	+/-	+	Saltar
Atividades	+	+	+/-	+	Apanhar, caminhar,
Estados	+	+/-	+/-	+	Rir

Pela oposição da noção semântica aspectual por um mesmo verbo flexionado no pretérito perfeito indicando a duração ou a pontualidade do processo:

- * Dormiu e sonhou (p.48);
- * Dormiriam bem debaixo de um pau (p.23);
- * Seria bom dormir (p.60);
- * viu o bode velho (p.48);
- * Entrou a dançar desengonçado(p.51);
- * Entrou na cozinha (p.41).

Nos exemplos acima, pode-se observar a oposição semântica no tempo verbal do pretérito perfeito de natureza de ação Tempo não marcado quanto ao conceito aspectual e pela desconstrução semântica da natureza dos verbos “dormir” e “vir”, que indicam a noção de atividade, e do verbo “ entrar” no sentido de começar, como visto no exemplo “ entrou a dançar...” – processo de duração e de pontualidade no outro exemplo com o adjunto adverbial de locativo.

Quanto ao traço semântico, os verbos assim se apresentam : [+/- durativo], [- dinâmico], [+ permanente] e [+ Agente], atualizando a categoria de Tempo – aspecto verbal para o verbo “dormir” como verbo de ação.

Os verbos “vir” e “ entrar” são de natureza semântica de atividade tendo os traços de [+/- durativo], +/- dinâmico], [+ permanente] e [+ Agente].

Há outra forma de tendência imperfectiva associada a um verbo no pretérito imperfeito que remete para um processo no seu desenrolar no tempo com os traços semânticos de [+/- durativo], +/- dinâmico], [+/- permanente] e [- Agente]. Exemplificando:

*Certamente ia chover (p.15).

Para os verbos abaixo, a semântica lexical remete ao processo sem início e sem fim – verbo dito de atividades por Vendler – cuja a noção reforçada pelo tempo verbal do pretérito imperfeito no primeiro exemplo, pela noção pontual pelo presente do indicativo e pela perífrase tendo o verbo “ ter” + participípio. Segundo Travaglia, essa construção expressa o cessativo por apresentar a ação terminada em seu fim e já concluída, marcando o fim de um processo.

* Ordinariamente andavam pouco (p.09);

*Anda, condenado (p.09);

* Tinha andado a procurar raízes (p.11).

Para Travaglia(1994), a noção semântica de duração é dada pela situação de início e término que podem ocorrer em Tempo longo ou curto. Por este turno, a duração pode ser limitada quando indica seu início ou seu fim, ou quando não há nenhuma limitação explícita, a situação é sentida como tendo uma duração finita. Portanto, os limites são conhecidos.

Ou a duração pode ser ilimitada quando os limites não são conhecidos. Segundo o autor (p.48) “aparece normalmente em frases indicativas de situações, “eternas” ou sentidas como tal uma data época”. Em outros termos, são ditas de atemporal por não atualizarem a categoria de tempo nas frases que “expressam princípios científicos ou verdades “eternas”.

* Não se ouvia um berro de rês perdida na caatinga (p.11)

Para esse mesmo autor a noção semântica de pontualidade se dar pela situação cujo o início e fim ocorrem em um mesmo instante ou isolados por um lapso de Tempo curto.

*Mas logo a recordação chegava (p.11);

*Com o desejo de morder canelas (p.40)

A noção de fase, para Vendler e Aristóteles ditos por atividades – se dar pela situação ainda não começada, isto é, é apresentada como algo ainda para ser feito, para ocorrer, para começar dando a ideia de intenção ou de certeza de se realizar e pela situação já iniciada, pela situação já terminada, concluída e acabada.

*Mas chegando aos juazeiros (p.13)

Ainda dentro da visão do autor, a noção semântica de habitual é vista quando há a iteração porque surge da duração descontínua ilimitada. Este conceito, segundo o mestre, é dado porque surge a ideia de repetição sem a qual o hábito não existe.

*Mas certamente envelhecia e *fraquejava* (p.106)

A noção semântica de incoação é dada pela mudança de estado com indicador do começo de um novo estado, ou seja, unido à inceptividade.

*Pegou no pulso do menino, que se encolhia (p.10).

A noção semântica de progressividade é representada pela situação em desenvolvimento gradual ligada ao aspecto durativo.

*Com a família morrendo de fome (p.17)

A noção semântica do conceito de resultatividade ou permansividade é apresentada pela indicação de um estado resultativo de uma situação dinâmica que se concluiu.

*A panela não tinha sido preparada (p.42)

E a noção resultativa é indicada também pela situação que se conclui com atingimento de um ponto terminal.

*Fabiano desejou *matá-lo* (p. 10).

Outra abordagem que merece atenção é sobre as formas nominais do verbo, sobre as quais Travaglia(1994,p.177) afirma que “ normalmente se diz que o infinito é uma forma aspectualmente neutra por se referir apenas à situação em si.” Ainda para o autor “o gerúndio apresentaria a situação como inacabada e cursiva e, segundo alguns, como durativa. O particípio marcaria o aspecto acabado, apresentando a situação como concluída”.

Exemplificando com as formas nominais do verbo:

1 – Particípio:

* Na Planície *avermelhada* ao juazeiros alargavam duas manchas verdes (p.9);

* De um vermelho indeciso *salpicado* de manchas brancas ... (p.9);

* Pelo espírito *atribulado* do sertanejo (p.10);

*(...) mais *arrastada* (p.10);

* *Arreda* (p.54);

*Todos os lugares *conhecidos* eram bons (p.56);

* *Estourado* (p.64);

Nas formas nominais acima, como bem coloca o autor, apresenta a noção semântica aspectual acabada – situação concluída. Mas a semântica lexical nega a definição do autor. Em outros termos, “avermelhada”, “salpicado e “estourado” têm valor imperfeito, para o primeiro com valor cursivo e para os dois últimos o valor de iterativo ou frequentativo com valor pontual.

Nas formas nominais acima, como bem assinala o autor, apresenta-se a noção semântica aspectual acabada – situação concluída. Mas a semântica lexical nega a definição do autor. Em outros termos, “avermelhada”, “salpicado e “estourado” têm valor imperfeito.

2º - Gerúndio

* Não *obtendo* resultado (p.9);

* Praguejando baixo (p.9);

* *Estranhando* a linguagem de sinhaTerta (p.54);

* Mas ficou por ali *rondando* (p.54);

* *Cochilando* no calor (p.55);

* Os meninos, sentindo frio numa banda (p.67).

Para as formas nominais do gerúndio, o mestre revela que esta forma é marcador dos aspectos não acabado, cursivo e durativo. Por este turno, pode-se acrescentar o valor semântico dos verbos ditos de atividade- sem um início e sem um fim, como na definição de Vendler.

3º - Infinitivo

* Impossível *abandonar* o anjinho (p.10);

* (..) para *sentir* bem o contato agradável (p.56);

* Difícil *mover-se* (75);

* Era bom *pensar* no futuro (p.92);

* *Trabalhar* com negro (p.93);

* Dar um pano de amostra àquele safado.

Para este último grupo de verbos no infinito, o autor afirma que há uma neutralidade semântica lexical. Mas o que se percebe que esta análise não se

sustenta por decorrência dos léxicos “ abandonar”, “mover”, “dar” e “trabalhar” que remete a um processo – imperfectivo. E os verbos “ sentir” e “pensar” atribuem um caráter durativo dentro de um tempo físico.

Outra questão relevante para tratar da noção de aspecto é a oposição pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto, ou seja, não há traço semântico marcado para o primeiro enquanto o segundo, em algumas circunstâncias, pode portar o traço de imperfectividade. Veja o que afirma Campos (1997,p.20) sobre o assunto:

A oposição aspectual e temporal entre o pretérito perfeito simples(PPS) e o pretérito perfeito composto (PPC) é das que maior dificuldade apresentam ao estrangeiro que começa a aprender o português, sobretudo se, na sua língua materna, ou numa segunda língua que tenha adquirido anteriormente, existe entre dois pretéritos uma oposição com caráter meramente formal e predominantemente estilística.

Em outros termos, como o Pretérito Perfeito Simples e Pretérito Perfeito Composto operam em um enunciado e delimitam o seu espaço enunciativo. Em sua análise foi observado que esses tempos gramaticais são marcados linguisticamente no enunciado, determinando sentidos relacionados ao enunciador, tempo e a situação enunciativa que marca a ação como limitada ou ilimitada, ou ainda, acabada e inacabada.

Exemplificando:

- 1 – Mariana estava doente .
- 2 -Mariana tem estado doente .
- 3 -Depois de formada , Cláudia morou na Itália.
- 4 -Depois de formada , Cláudia tem morado na Itália.
- 5 -Fabiana viu os filmes na televisão.
- 6 -Fabiana tem visto os filmes na televisão.

O primeiro e o terceiro exemplos nos remete para processos localizados e concluídos em um tempo. Ou seja, a relação predicativa é formada pelos verbos “estar” e “morar”, que designam a um processo sem limite definido. Desta maneira, pode-se dizer que o início semântico dos verbos que compõem estas relações predicativas não delimitam a fronteira final

Já no segundo e no quarto exemplos, o locutor/falante remete para processos iniciados em um tempo anterior a noção tempo \emptyset e que se prolonga, sem

a determinação de uma fronteira final do processo pelo enunciador assumindo um valor de continuidade. Para o Pretérito Perfeito Composto o Tempo é marcado de uma operação de construção de um processo que, parte de um ponto anterior a Tempo \emptyset e ainda encontra-se em curso. Em outras palavras, o momento final não está definido.

Por fim, nos dois últimos exemplos, o valor semântico do verbo “ver” designa a sua finalidade, mas o seu valor aspectual é iterativo, ou seja, se sequência no tempo, mas não possui um tempo interno definido e sim marcado pela ideia de continuidade atribuída ao Pretérito Perfeito Composto.

Ainda na análise de Campos sobre o tempo do Pretérito Perfeito (p.34):

Tal como o PPC, também o PPS pode, em coocorrência com marcadores suplementares, remeter para processos com valor durativo ou iterativo. Mas enquanto que no caso do PPS a fronteira de fechamento do processo é necessariamente definida e localizada (em relação a T0 ou dentro de outro sistema de “repérage” em ruptura com o plano enunciativo e, portanto, com T0), no caso do PPC não há construção de uma fronteira de fechamento e o processo está em curso em T0.

Exemplificando:

- 1- Joana ama Alfredo;
- 2- Joana tem amado Alfredo;
- 3- Joana amou Alfredo.

Ao observar os exemplos acima, verifica-se que a autora chama de T \emptyset nos enunciados, no presente e no Pretérito Perfeito Composto, (1) e (2) respectivamente, há a representação de intervalos abertos que difere do terceiro exemplo em que a representação de um intervalo fechado não remete a ideia de sucessão contínua.

Sendo assim, pode-se pensar que embora Pretérito Perfeito Composto apresente a ação verbal no passado a sua ideia de continuidade se aproxima do tempo presente. Em outros termos, o Pretérito Perfeito Simples marca a construção de uma fronteira final, enquanto o Pretérito Perfeito Composto marca a sua não construção.

Costa (2002, p.45-46) citando Óscar Lopes (1971, p.232) afirma que “a denominação Pretérito Perfeito Composto se deve à fase do português antigo na qual a forma com essa denominação configura efetivamente um passado em relação

ao momento da fala”. Ainda na fala da autora que nos mostrar que “os tempos compostos em português são em geral também Tempos relativos que são pertinentes à categoria verbal de Tempo, não de Aspecto” mas que “podem ser conjugados com marca aspectual através das perífrases apropriadas”.

Mais adiante a autora faz uma síntese pautada em Rodolfo Illari (1983) sobre a relação de características semânticas do Pretérito Perfeito Composto, observe:

1-Exprime reiteração (mesmo independentemente de presença de advérbio indicando frequência);

2 – Assume eventualmente um valor de continuidade;

*Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa ... (p.108).

3 – A repetição ou continuidade a que se refere dizem respeito a um período que, começando no passado, alcança o momento da fala e eventualmente o ultrapassa;

4 – A distinção entre valor durativo e reiterativo tem a ver com características aspectuais do lexema verbal; em geral, interpretação durativa, se se aplica a predicados de estado, e reiterativa, se se aplica a predicados de ação.

4 FUNCIONALIDADE TEXTUAL DO ASPECTO

A expressão verbal de eventos tem com centro condutor de significação dois subtipos semânticos de verbo: os que conceptualizam nossas experiências como ações e os que as conceptualizam como processos.

Sabe-se que dentro de um núcleo da narrativa o verbo no pretérito perfeito dá conta dos atos que fazem progredir a história e dinamizam o enredo, ao passo que o verbo no pretérito imperfeito retrata o pano de fundo, constrói o cenário e reporta as ações por assim dizer auxiliares. Este sistema constitui propriamente o universo narrado. O ato enunciativo, propriamente, encontra o seu suporte no uso das formas do presente. É o que chamamos o eixo do comentário.

A narrativa implica, portanto, um modo de organizar o texto estritamente marcado pela temporalidade. Isto é, sua substância são fatos, representados como ações levadas a cabo por personagens dentro de uma perspectiva de progressão temporal - foco principal deste trabalho -, que é o indicador essencial para o desenrolar das ações.

Em outros termos, a língua portuguesa possui um paradigma verbal – tempo, aspecto, verbo. Dentro deste paradigma, observa-se que a narração, em cujo desenvolvimento acontece o sequenciamento cronológico, é feita por verbos que têm marcas ou formas indicadoras de aspecto perfectivo – indicador de arcabouço do texto – estrutura principal. Enquanto a não sequência narrativa é dada pelas formas verbais com marcas de aspecto imperfectivo – porção textual que não narra fatos, contudo compõe sua base- suporte.

Na análise sobre a funcionalidade dos tempos verbais dentro da perspectiva das categorias gramaticais da linguística cognitiva, Leonard Talmy (2006) revela que as noções gramaticais podem ser vistas como padrões de uma categoria, que, por sua vez, integram sistemas. Isto é, esses padrões nocionais mostram regularidades funcionais e processuais que constituem traços fundamentais da organização conceptual das línguas.

Em outros termos, as categorias gramaticais são entidades simbólicas. Elas devem, pois, ser consideradas não somente em termos das suas propriedades sintáticas, mas tendo em conta a sua base semântica na organização da linguagem.

Com base na enunciação discursiva, os dois tempos verbais que contribuem para distinção de comportamento gramatical são o pretérito perfectivo e o pretérito

imperfeito, articulados na narrativa para o contraponto entre o contexto e as ações propriamente ditas.

Na concepção perfectiva, os termos retratam ações limitadas no tempo, enquanto na concepção imperfectiva elas não são especificamente limitadas. E mais, os verbos perfectivos interpretam a relação paralela como internamente heterogênea, envolvendo algum tipo de mudança através do tempo. Já os imperfectivos a interpretam como homogênea, promovendo a continuação através do tempo de uma situação estável.

Luiz Carlos Travaglia (1994, p.86) resume nos termos a seguir a diferença entre o perfectivo e o imperfectivo:

Por apresentar a situação como **completa**, isto é, em sua totalidade. O todo da situação é apresentado como um todo único, inalisável, com meio e fim englobados juntos não há tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora, em sua globalidade. O imperfectivo é caracterizado por apresentar a situação como **incompleta**, isto é, não temos o todo da situação e, por isso, normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento. Isto equivale a dizer que, normalmente, a noção que caracteriza o aspecto imperfectivo aparece juntamente com as noções aspectuais representadas pelas fases de desenvolvimento da situação. Aqui, ao contrário do que ocorre no perfectivo, é como se a situação fosse vista de dentro, enfocando-se não o seu todo.

Vejamos alguns exemplos de verbos referenciados nos conceitos acima:

* *verbos Perfectivos*: ouvir, pular, andar, olhar, cair, saltar, chutar, morder, jogar, parar, perguntar, contar, persuadir, aprender, decidir, cozinhar, derreter, evaporar, morrer, matar, criar, calcular entre outros;

* *verbos imperfectivos*: iniciar, ir, ver, ser, ter, saber, duvidar, acreditar, suspeitar, gostar, amar, detestar, apreciar, lembrar, conter, residir, existir, entre outros.

É adequado destacar que diferentemente do perfectivo, o aspecto imperfectivo caracteriza-se por apresentar a situação como incompleta. Não se tem o todo da situação, que é apresentada em uma das fases de desenvolvimento. Nesse aspecto, é como se a situação fosse vista de dentro. Conforme já exposto, é o imperfeito do indicativo o tempo verbal mais utilizado para a atualização do referido aspecto; ao lado dele vem o presente. Contudo, essa condição pode ser essencial, mas não exclusiva para a garantia de atualização do aspecto, pois os adjuntos adverbiais podem exercer influência nessa caracterização.

Para os verbos perfectivos acima há semanticamente subclasses de acordo com a sua natureza de funcionalidade textual. Veja- os:

1ª - verbos que indicam ação com sujeito expresso por um nome ou com sujeito agente com dois complementos, um expresso por oração interrogativa direta/indireta ou por nome coisa: ouvir, andar, calcular, perguntar, olhar, saltar.

Francisco da Silva Borba, na obra *Dicionário Gramatical de verbos* (1990), em relação aos verbos “ouvir” e “andar”, conceitua o primeiro como verbo que indica processo com sujeito experienciador com o significado de perceber, em que o objeto percebido apresenta-se sob a forma de um complemento oracional.

Para o segundo verbo, o autor afirma tratar-se de um verbo que indica ação, cujo sujeito agente pode ser expresso por um nome animado com ou sem especificador, apresentando a habilidade semântica de mover-se por contra própria, dar passos ou caminhar.

2ª- verbos que indicam processo com sujeito experimentador ou por sujeito paciente expresso por nome: pular, cair, aprender, morrer.

3ª - verbos que indicam ação/ processo com sujeito agente com complemento expresso por nome humano ou por dois complementos: um expresso pelo nome e outro apagável (\emptyset): chutar, contar, criar, morder.

Exemplificando: “Conto com você entre meus amigos”

4ª - verbos que indicam ação/processo com sujeito causativo e com complemento expresso por um nome concreto ou abstrato: cozinhar, decidir, derreter, evaporar, matar, parar, persuadir.

Exemplo: “O sol escaldante cozinhou a relva do jardim.”

Já nos casos dos verbos imperfectivos, o processo semântico se assemelha, ou seja, acima há subclasses de acordo com a sua natureza:

1ª - Verbos que indicam ação com sujeito agente: apreciar, ir.

2ª - Verbos que indicam processo com sujeito beneficiário: saber.

3ª - Verbos que indicam ação/ processo com sujeito agente: acreditar, conter.

4ª - Verbos que indicam ação/processo com sujeito causativo com complemento expresso por um nome abstrato de ação ou não: iniciar, lembrar, suspeitar.

5ª - verbos que indicam estado com sujeito experimentador ou com sujeito inativo expresso por nome animado: amar, detestar, duvidar, gostar, existir, residir, ter, ver.

6ª - verbos que compõem predicado estático de inferência, isto é, o predicado se refere ao sujeito como um dos seus traços essenciais: ser.

Para Francisco da Silva Borba, na parte destinada ao glossário do trabalho mencionado anteriormente, estes tempos verbais servem para marcar a noção aspectual. Veja a sua colocação sobre o assunto:

Categoria que expressa o grau de desenvolvimento ou duração do estado de coisas expresso pelo verbo. De um modo geral, tal estado de coisas apresenta-se como algo acabado (aspecto *perfectivo* – ex. *cheguei*) ou inacabado (aspecto *imperfectivo* - ex.: *estou chegando*). Entre os perfectivos contam-se o *pontual* (estado de coisas apresentando como algo instantâneo: *cair, parar*), o *permansivo* (algo persistente em seus efeitos: *saber, ter*), o *cessativo* (algo que cessa: *cheguei*). Entre os aspectos imperfectivos está o *inceptivo* ou *incoativo* , que denota algo que inicia (ex. *amanhecer, nascer, embranquecer*) e o durativo, que frisa uma duração, compreendendo o *progressivo* (algo que se intensifica: *vai saindo*), o *cursivo* (algo que se desenrola simplesmente: *está viajando*) e o *iterativo* ou *frequentativo* (algo que se repete)(BORBA,1990, p.XVII).

A partir das colocações do autor, pode-se ressaltar, portanto, que a distinção conceitual é bastante evidente, pois os verbos perfectivos designam ocorrências com um começo e um fim. Algo acontece, pois a mudança é observada na situação descrita quando se emprega algum dos verbos acima. Exemplificando, o andar é de rápida mudança de local ao longo do eixo vertical, enquanto que o verbo saber pressupõe mudança de alguma coisa ou de não conhecê-lo.

Já os verbos ditos imperfectivos, como bem afirma o professor Travaglia (1994), atuam em situação perfil estável da indefinida duração. Nada muda, e nada acontece. Isso não quer dizer que o perfil relacionamento não tem começo nem fim, mas que apenas permanece no tempo aspectual – tempo interno do verbo.

A fim de reforçar o conceito de tempo referenciado no estudo das categorias gramaticas, Evans & Green (2006), no capítulo 10 intitulado *o significado das palavras e as categorias radiais*, mostram três apreciações para estabelecer os diferentes sentidos associados ao tempo, tais como o critério do significado, o critério da elaboração conceptual e o critério gramatical.

No critério do significado, o sentido deve conter um significado adicional não aparente nos outros sentidos associados a tempo para ser considerado diferente.

O critério conceptual restringe-se à seleção semântica por ter o conceito lexical estruturado metaforicamente - construído no nível linguístico. Ou seja, pode estar relacionado à forma pela qual o substantivo se comporta como um modificado,

assim como à forma com que a modificação verbal se comporta em uma frase com o sintagma nominal ou a um elemento adverbial.

Por último, o critério gramatical que acha que um sentido diferente mostrará padrões únicos ou altamente distintos de elaboração conceptual. Em outros termos, acredita que um sentido diverso pode manifestar dependências estruturais únicas ou altamente diferentes, isto é, tal sentido pode ocorrer em tipos específicos de construções gramaticais. Desta maneira, um sentido diferente deve apresentar um comportamento gramatical característico.

Ilustrando com exemplos transcritos de Travaglia (1994, p.88-90):

- *Ele *estava nadando* desde as seis horas da manhã;
- * O treinador do time *esteve* doente;
- * Nossa amizade *estreitava-se*;
- * O amor dos tios foi *transformando* aquela criança;
- * Joao *ficará atendendo* as pessoas;
- * Maria *chegou* em casa hoje pela manhã.

O tempo anuncia uma experiência de DURAÇÃO, caracterizada por apresentar a situação de maneira mais rápida que a habitual. Tal fenômeno é chamado de compressão temporal, podendo diferenciar-se de outros exemplos de verbos que evidenciam a experiência de pontos discretos no tempo, sem levar em conta a duração desse ponto - MOMENTO.

Em outros termos, sabe-se que os conceitos *duração* e *momento* são percebidos através do critério de significado e ambos apresentam padrões de elaboração conceptual distinto - estruturação metafórica.

Quanto à significação do conceito compressão temporal, entende-se que ela pode ser associada ao item tempo. Esse significado pode ser elaborado em termos de movimento que pode ser rápido ou imperceptível.

Enfim, a categorização gramatical é flexível e sujeita à influência conceitual sutil de uma variedade de fontes. E para os verbos, o domínio de instanciação é sempre tempo. O contraste entre perfectivo / imperfectivo, portanto, depende se o processo perfilado é limitado dentro do âmbito temporal imediato, e é limitada se existe algum limite para o conjunto de constitutiva entidade.

Para José Luiz Fiorin, em um dos seus trabalhos de pesquisa contido dentro da *Gramática do Português Falado* intitulado *Adjetivos Temporais e Espaciais*,

A temporalidade linguística concerne às relações de sucessividade entre estados e transformações representados no texto. Ordena sua progressão, mostra quais são anteriores e quais são posteriores. Isso implica a existência de um sistema temporal linguístico ordenado em relação a marcos temporais instalados no texto, bem como um sistema temporal organizado em função do presente implícito da enunciação. Nos dois casos, os sistemas temporais servem para organizar a sucessão de estados e transformações presentes no discurso (2002, p.61).

Assim, no plano da narração, o autor retrata a ocorrência de eventos, não referenciando-os à sequência cronológica que dá fundamento à análise tradicionalmente empreendida pelas gramáticas, mas ao que se pode entender pela atuação do aspecto.

Para Sônia Bastos Borba Costa, em um dos seus trabalhos *O Aspecto em Português* (2002, p.21), o aspecto é a categoria linguística que “informa se toma em consideração ou não a constituição temporal interna dos fatos enunciados. Essa referência independe do ponto dêitico da enunciação, visto que centra o tempo no fato e não o fato no tempo”.

A autora relata que “em russo, língua sabidamente aspectual”, é o *perfectivo* o termo morfologicamente marcado”. Na continuação de suas observações, revela que “mesmo o português, a iteração, a noção de iminência ou a utilização de alguns verbos em sequência (...) podem configurar expressão aspectual se consideramos os discursos como um todo” (p.33-34).

Para Maria Aparecida B. Pereira Soares (1987,p.18), “a aspectualidade é um campo semântico amplo de noções ligadas por traços comuns referentes à maneira de ser da ação”. Entretanto, Soares aceita aspecto apenas como as noções que recebem expressão gramatical, seja flexional, seja por meio de perífrases verbais estáveis e com significado aspectual constante. As noções pertencentes ao léxico, que são expressas pelo radical do verbo, são próprias do modo da ação. A distinção é necessária para a autora, pois o aspecto é uma categoria gramatical, enquanto o modo da ação é uma categoria semântica, pertencente ao léxico. Um e outro possuem *status* diferentes.

Reforçando o conceito aspectual, na visão de Rodrigues (2002 p,426. In: Koch 2002), há um paradigma verbal, em português, - tempo, aspecto e modo -, que contribui para a funcionalidade textual na tipologia de gênero narrativa. Isto é, “o

sequenciamento cronológico é feito por verbos que apresentam marcas formais indicadoras de aspecto perfectivo, correspondendo ao esqueleto do texto, sua estrutura básica.” Continua a autora mostrando que “o não sequenciamento é dado por verbos com marcas de aspecto imperfectivo, correspondendo a porções textuais que, de fato, não narram fatos, mas constituem seu suporte”.

Por este turno, . Graciliano faz com que o aspecto memorial de sua obra ultrapasse o mero predomínio do tempo verbal passado, o uso dos verbos no futuro do pretérito, dando a semântica aspectual, característico dos textos narrativos e, por si só, passível de ser considerado um ato de rememoração. Em outros termos, a escolha do tempo verbal pelo enunciador tem por objetivo introduzir o plano do sonho que se confunde com delírio. Exemplificando,

Esqueceu-se e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto esquisito na mão. Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. Fez um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas (RAMOS, 2004, p.89).

Nessa cena, o que se percebe e que confirma é a noção do plano de sonho que se dá através da dramática cena em que Baleia apenas sonhou com lembranças de dias melhores que já encontrava no plano de delírio momentos antes de morrer. Outra questão que merece um espaço dentro do corpo desta dissertação para se descrever é a relação entre aspecto e voz.

Para Comrie(1976,p.84)⁶:

Em muitas línguas, em particular em muitas línguas indo-europeias, há inter-relações entre aspecto e voz (ativa ou passiva). Uma vez essas relações são menos amplamente discutidas na literatura sobre os aspectos que são as relações entre a aspecto e o tempo.

Travaglia (1994,p.286) afirma que na língua portuguesa a restrição em relação a voz quanto à questão aspectual é o não comentado que não pode ser expresso nas vozes passiva e reflexiva.

Exemplificando:

⁶ Texto original: In many languages, in particular in many Indo- European languages, there are interrelations between aspect and voice (active versus passive). Since these relations are less fully discussed in the literature on aspect than are relations between aspect and tense, some space will be devoted to them here.

* As casas naquele lugar eram feitas de madeira (imperfectivo, não – acabado, habitual);

* A casa está sendo pintada com tinta lavável (imperfectivo, cursivo, não acabado, durativo);

* Maria está se penteando no meu quarto (imperfectivo, cursivo, não – acabado, durativo).

Quanto à questão do discurso, há uma ostensiva ausência de fala entre os membros da família; o narrador, em terceira pessoa, substitui os diálogos por pensamentos, ordinariamente expressos em discurso indireto livre. Ou seja, a ausência de fala articulada segundo as convenções é preenchida por resmungos e por gestos, por exclamações, por onomatopeias, enfatizando a animalização das personagens e a solidão, marcante na vida de todos que são marginalizados pela carência dos recursos convencionais da comunicação urbana.

A cachorra Baleia é o personagem mais denso, portador de um mundo interior de reflexões e capaz de fazer juízos críticos acerca da conduta dos humanos. Também ela sonha e constrói cenários de uma vida melhor, como desfrutar de um banquete de preás. Ou seja, Baleia pensa e se comunica de forma espetacular. Não dispor da palavra não a faz inferior no grupo, visto que a palavra não é uma ferramenta à disposição dos outros membros da família.

Em outros termos, a dicotomia tempo cronológico x tempo psicológico tem uma relevância especial na construção da narrativa em *Vidas Secas*. No primeiro capítulo, o tempo cronológico é marcado pelo longo caminhar dos retirantes, que logo em seguida chegam à fazenda abandonada. Na véspera, alimentaram-se do papagaio. O tempo psicológico, por sua vez, sobressai nas lembranças de Sinha Vitória de acontecimentos antigos, até ser despertada pelo grito das aves e ter a ideia de transformar o papagaio em alimento.

(...)Sinha Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, com os pés apalhetados, numa atitude ridícula (2004, p.11).

Quanto à questão do espaço da narrativa, a ênfase recai sobre o sertão nordestino, sendo a caatinga a vegetação predominante. O autor também põe em relevo o sol escaldante, o céu sem nuvens e o rio seco para reforçar o próprio contexto espacial do romance, preservando a imagem que se evidencia do tempo semântico.

4.1 O aspecto, o gênero textual e os modos de organização

A estrutura de uma narrativa é fundamentalmente marcada pela temporalidade e pela enunciação. A primeira consiste nas relações de simultaneidade ou de sucessividade, causal ou eventual, de atos e de processos. A segunda diz respeito à atuação do enunciador no processo de fazer o texto existir. A matéria a ser relatada no modo narrativo de organização do discurso envolve obrigatoriamente personagens, ações, tempo e espaço. Compete ao narrador, no papel de enunciador, pôr tudo em cena, mediante decisões com que mobiliza os procedimentos inerentes ao modo narrativo de organização. Se a modalidade revela as atitudes e impressões do enunciador e a temporalidade dá conta do ‘quando’ das ações, o aspecto capta o desenrolar destas, respondendo por uma faceta da dinâmica narrativa mais ligada à velocidade ou à lentidão dos acontecimentos.

O evento histórico correspondente à atividade conjunta de ativação discursiva levada a cabo por aquele que fala, no momento em que fala, e por aquele que ouve. Ela preside um conjunto de fatores e ações que provocam a produção de um enunciado. É constitutivo do sentido do enunciado o fato de ele ter sido, num momento preciso, objeto de enunciação.

Fiorin (2002, p.62) revela que “o momento de referência é concomitante ao momento da enunciação, utilizamos o sistema enunciativo, já que tudo estará referido ao momento da enunciação”. Continua o autor afirmando que há na língua um sistema temporal enunciativo que, quando o momento de “referência for concomitante ao momento da enunciação, e um sistema enunciativo, que contem dois subsistemas: um comandado por um momento de referência pretérito e outro, por um momento de referência futuro”.

Para Ilari (2001,p.15), o momento de referência assume um papel “autenticamente explicativo e pode corresponder ao tempo expresso pelos adjuntos

de tempo: por isso, é um elemento importante em qualquer tentativa de esclarecer seu papel”.

E mais, no mundo comentado, há o envolvimento máximo do locutor com o seu discurso, causando, assim, um comprometimento imediato com aquilo que enuncia, pois interfere diretamente no discurso, manifestando sua reflexão a respeito do assunto. Há, portanto, a intenção de marcar o momento da enunciação, por isso, constituem-se como tempos do mundo comentado: o presente, futuro do presente, o pretérito perfeito composto, bem como, as locuções construídas a partir de tais formas verbais.

Na narrativa canônica há uma estrutura temporal definida, predominando os tempos do pretérito, que o narrador, dependendo de sua intenção, poderá alternar com outros tempos verbais, como, por exemplo, o presente.

Acrescente-se ainda que o aspecto e o gênero textual, no que se refere ao modo de organização do romance *Vidas Secas*, são marcados pela modalidade do discurso indireto livre⁷ presente em toda sua organização textual. Isto é, a obra de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, apresenta uma sintaxe discursiva carregada de vários mecanismos para projeção do discurso, bem como o emprego repetitivo e sequencial de verbos no futuro do pretérito do indicativo para colocar em relevância a questão aspectual do próprio sertão – a seca interminável e o uso acentuado do discurso indireto livre como forma de expressividade de intenção psicológica da voz do personagem que se confunde com a própria voz do narrador – Graciliano Ramos.

E por este turno, o discurso indireto livre é um recurso narrativo híbrido – trata-se de um recurso para introduzir discreta e sutilmente a fala ou pensamento do personagem através do qual o narrador conta a história – resultante da conciliação de dois discursos – o discurso direto e o indireto. Trata-se, por conseguinte, de um tipo composto em que o narrador, em vez de produzir textualmente as próprias palavras da personagem ou de informar ao leitor sobre o que ela teria dito, aproxima-se da personagem e confunde-se com ela, tornando um pouco difícil a separação entre a fala do personagem do discurso do narrador.

Cunha & Cintra define este tipo de expressão linguística como:

⁷ T. Kalepky chamou de **discurso velado**; Leo Spitzer denominou de **discurso mímico, discurso irônico e discurso cênico**; E. Lorck usou a expressão **discurso revivido**; Nicola Vita sugeriu a denominação **discurso narrativo**.

(...) É o chamado DISCURSO INDIRETO LIVRE, forma de expressão que, em vez de apresentar a personagem em sua voz própria (DISCURSO DIRETO), ou de informar objetivamente o leitor sobre o que ela teria dito (DISCURSO INDIRETO), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono (1985 p,623).

O estilo indireto livre torna possível uma narrativa mais fluente de ritmo e de tom mais expressivamente elaborado, produzindo um grande efeito estilístico por causa da ausência de cortes - da quebra sintático-semântica. Há um liame psíquico que se estabelece entre o narrador e o personagem por decorrência da sutil distinção entre fala dele e os estados mentais da personagem. Neste momento, o contexto narrativo desempenha papel importante em se tratando da apreensão do discurso empregado. Ou seja, faz com que as narrativas tenham um quê memorialista ou de fluxo da consciência.

Exemplificando com o romance, *se não fosse isso An! Em que estava pensando? Meteu os olhos pela grade da rua. Chi! Que pretume! O lampião da esquina se apagara, provavelmente o homem da escada só botava nele meio quarteirão de querosene*(RAMOS, 2004, p.35).

Othon M. Garcia (1998, p.147) afirma que:

No indireto puro, o processo sintático é o da dependência por conectivo integrante; no direto, é o da justaposição, como verbo *dicendi* claro ou oculto; no indireto livre, as orações da fala são, de regra, independentes, sem verbos *dicendi*, mas com transposições do tempo do verbo (pretérito imperfeito) e dos pronomes (3ª pessoa). Como não inclui nem admite *dicendi*, não é cabível sua transformação em objeto direto do verbo transitivo – e é isto que o distingue do direto e do indireto puro.

Em outros termos, o discurso indireto livre é uma espécie de discurso indireto sem o uso de elementos subordinativos, assim sendo, com a feição inicial da fala ou de pensamento do personagem com a expressividade emotiva, interrogativas, exclamativas conservando assim a oralidade ou discurso mental – o discurso indireto livre serve para criar a ilusão de verdade nos personagens. Exemplificando, *um dia ...sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito ... seria que as coisas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia.* (RAMOS, 2004, p.24)

Othon Moacyr Garcia (1998, p.146) revela que o discurso indireto livre surgiu “a partir dos meados do século XIX” e “começou a generalizar-se por influência de Flaubert e Zola”. Entretanto, “ somente em 1912 foi que Charles Bally chamou atenção para a nova técnica, até então ignorada pelas gramáticas”.

4.2 Relações aspectuais em dois capítulos de Vidas Secas

Esta parte focaliza os textos intitulados Mudança e Baleia, respectivamente primeiro e nono capítulos do romance. *Mudança* inicia-se com uma narração de sequência de ações através da apresentação do cenário da obra de Graciliano Ramos. Apresenta relevante carga semântica lexical que permite ao leitor perceber o elemento aspectual logo nas primeiras frases. O pretérito imperfeito tem função nitidamente descritiva, visto que o sujeito do verbo alargar faz parte da própria vegetação: “na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes” (2004,p.09). Adiante, a condição de cada personagem é traçada por elementos de referência, os quais o narrador aponta como ponto de vista do universo familiar de Fabiano “ os *infelizes* tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos”. Com verbo no pretérito mais-que-perfeito, o enunciado sintetiza um ato único e consumado, mas prolongado em sua duração graças ao reforço do adjunto adverbial *o dia inteiro*.

Em outros termos, o capítulo em pauta introduz a apresentação de um ponto do sertão carregado de vocábulos semanticamente relevantes para a apreensão aspectual da cena em que se retratam a chegada da família de retirantes, conduzida por Fabiano, à fazenda abandonada, as lembranças, a morte do papagaio, a caça aos preás feita pela cachorra Baleia, que, cumprindo seu papel de membro da família, garante o sustento e a sobrevivência do grupo. Esses elementos podem ser vistos no quarto e no sexto parágrafos “ *anda, condenado*”, “(...) vermelho indeciso *salpicado*”(p.09).

Percebe-se que o ponto de vista do narrador é relevante para marcar e colocar em realce o universo familiar de Fabiano e suas dificuldades para sobreviver; os sonhos são representados na figura de sinha Vitória, que almeja uma cama confortável; e na figura da personagem Baleia, que deseja o banquete de preás.

No segundo capítulo estudado – *Baleia* -, colocado na obra de Graciliano como o nono capítulo, reveste-se de presença aspectual até na organização da obra, ou seja, na construção do romance, que utilizou a técnica de cenas diversas, permitiu a leitura independente dos capítulos e com isso, o primeiro capítulo escrito foi deslocado para o nono para reforçar semanticamente a ideia de movimento – tempo semântico.

Outro elemento que é observado nos capítulos é o emprego de verbo ser no pretérito imperfeito como indicador de relatos de expressões enunciativas da narração de expressão reflexivas. “ Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio”.

Segundo Travaglia (1994,p.257), “a perífrase SER + PARTICÍPIO de verbo transitivo que aceita a voz passiva não marca aspecto, mas sim a voz passiva. O aspecto vai ser expresso pela flexão verbal e outros elementos”.

*Achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda (p.93) – o imperfectivo, não acabado, indeterminado.

* Enfim apanhar do governo não é desfeita ... (p.105) . Neste exemplo entende-se que o tempo é zero, que se constitui marca semântica do presente do indicativo.

Sabe-se que o verbo ser apresenta seu *status* de verbo de estado, que permite atribuir a ele os fatos de expressão dos aspectos já comentados. Em outros termos, a noção semântica do verbo é de tempo não marcado - perfectivo:

*Não *era* uma infelicidade grande, a maior das infelicidades? (p..106);

* Fabiano, *seria* um vivente muito desgraçado (p.106);

* - Governo *é* governo. (p.107).

Convém acrescentar, ainda, que a relação aspectual contida no corpus da pesquisa se prenderá a um estudo de análise que tornará possível pontuar a relação do ponto de vista da semântica lexical e do ponto de vista gramatical. Para tal, faz-se necessário rever estes assuntos que foram referenciados em capítulo anterior.

Exemplificando:

* O gado *curtia sede* e morria (p.109);

* Parou *agoniado*, suando frio, a boca cheia de água, sem atinar com a palavra (p.78);

* Era o diabo daquela espingarda que lhe trazia a imagem da cadelinha (p.109);

* Acocorada junto às pedras que serviam de trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, Sinha Vitória soprava o fogo (p.39);

A representação aspectual é vista como uma categoria verbal, porque é através dela que concentra a noção tempo e a expressão da situação. Mas há alguns nomes com os quais a noção aspectual pode aparecer.

Ataliba T. de Castilho (2002, p.83) afirma que o aspecto verbal é uma “propriedade de predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou, por outras palavras, as *fases* que ele pode compreender”.

Segundo Costa (2002), o aspecto é uma categoria em estudo, sob reflexão e sobre ela nada pode ainda ser considerado definitivo. Logo, tempo e aspecto são categorias temporais que têm por base referencial o tempo físico, o que diferencia do ponto de vista semântico que parte, basicamente, da concepção do chamado tempo interno- *aspecto* - diferente do tempo externo- cronológico.

Travaglia (1994, p126) menciona Dubois et al (1978, p.73) e diz que há definição de aspecto como “uma categoria gramatical que exprime a representação que o falante faz do processo expresso pelo verbo (ou pelo nome de ação), isto é, a representação de sua duração, do seu desenvolvimento ou do seu acabamento”. Exemplificando a fala do autor, o substantivo “explosão – pontual”, e “festadurativo.”

4.2.1 A mudança

Nesta seção, o conceito de aspecto será referenciado pela categoria lexical e pela categoria verbal dentro do *corpus* do capítulo1, intitulado *Mudança*, do romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. A noção aspectual é comumente aplicada à categoria verbal porque expressa o início, o desenrolar ou o terminar de uma ação, mas não se pode negar que o léxico de uma língua pode conter essas mesmas características por apresentar a ideia de ação. Veja o que afirma Travaglia (1994, p.127) “normalmente o aspecto é apresentado como uma categoria nitidamente verbal, porque é nele que normalmente se concentra a expressão da situação, entretanto parece que podemos ter aspecto também nos nomes”. Com base nesse postulado, pode-se dizer que algumas categorias lexicais transmitem informação sobre um evento com a noção pontual, durativo, com a semântica de atividades dinâmicas ou de estado.

Valor pontual⁸ por definição não tem estrutura interna. Trata-se de eventos que se identificam com a sua própria finalidade ou transição, bem como nos verbos

⁸ Há outros exemplos de verbos e léxicos com o valor pontual em anexo no capítulo estudado.

“morrer”, “atingir a meta”, “cair”, nos lexemas tais como em “seca”, “margem”, “encostados” entre outros e nos itens lexicais de caráter adjetivo e os participios com valor adjetivo com a terminação sufixal em “-da” . Exemplificando com Graciliano (2004):

1º Grupo:

- *Esperava com paciência a hora de *mastigar* os ossos (p.16);
- * A esperança de *achar* comida, sentiu desejo de *cantar*.

Sônia B. Borba Costa (2002,p.89) diz que interessante que as formas dos verbos nominais que não incluem a marca da categoria de pessoa e nem em “consequência a de Tempo, são as que se prestam mais irrestritamente à expressão aspectual, sendo inclusive a base das muitas perífrases que expressam essa categoria em português”.

Para Bernard Comrie (1976, p.3) , a noção de aspecto gramatical está relacionada a “diferentes formas de se olhar para a constituição temporal interna de uma situação” e é normalmente expressa por um morfema gramatical anexado ao verbo principal ou ao verbo auxiliar na sentença. Comrie classifica-o em duas categorias amplas: perfectivo e imperfectivo, e inclui ainda outras distinções que muitas vezes estão presentes nas línguas: aspecto habitual e progressivo.

Para Borba(1990), estas três categorias de verbos, nos excertos, são classificadas como para a primeira de ação processo com o sujeito agente como um complemento apagável. Para a segunda, indica processo com um sujeito paciente tendo o resultado da procura e para a última, indica ação com o sujeito agente animado com o sem especificador.

2º Grupo:

- * A *folhagem* dos juazeiros apareceu ... (p.9);
- *A *espingarda* pederneira no ombro (p.9);

- * (...) que pisavam *a margem* do rio, a lama seca e rachada ... (p.10);
- * A seca aparecia-lhe como um fato necessário (p.10).
- * Os joelhos encostados ao estômago, frio como um *defunto* ... (p.10);
- * A *catíng*a ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral ... (p.15);
- * Uma *labareda* tremeu ... (15).

No segundo grupo, há o exemplo do substantivo com o valor de agente causativo. Por esta análise de valor de natureza verbal, entende-se que o também chamado “factitivo” é o verbo transitivo direto - o que se liga ao complemento sem auxílio de preposição- cujo objeto se constitui de um ser que age por força do sujeito. Em outras palavras, o sujeito faz com que o objeto faça ou torne-se alguma coisa.

3º Grupo:

- *Na Planície *avermelhada* os juazeiros ... (p.9);
- *Sinha Vitória com o filho mais novo *escanchado* no quarto ... (p9);
- *(...) anda, *condenado* do diabo (...) (p9);
- * A cuia *pendurada* numa correia presa ao cinturão (p.9);
- * (...) que pisavam a margem do rio, a lama seca e *rachada* ... (p.10);
- * Os joelhos *encostados* ao estômago, frio como um defunto ... (p.10);
- * E a viagem prosseguiu (...) mais *arrastada* (p.11).

Quanto ao valor durativo não – acabado ou começado, há os vocábulos, bem como o título do capítulo *mudança*, os com a sufixação em “-ção” e os adjetivos em “-nte” e os verbos no infinitos corroboram para a uma situação em curso. Exemplificando:

4º Grupo:

- * (...) a *viagem* progredira bem três léguas. (p.9);
- * Fabiano *sombrio*, *cambaio* ... (p.9);
- * O *vônegro* dos urubus fazia círculos (p.10).

Os substantivos “viagem” e “voo” remetem semanticamente a um processo cursivo inconcluso com a noção do tempo expresso no momento da fala, dando a ideia de ação iniciada mas não concluída.

5º Grupo:

* Dirigia as pupilas *brilhantes* aos objetos familiares (p.11).

O adjetivo “brilhante” permite observar que o processo de duração interna do evento pode evocar situação aspectual começado ou não – acabado como se percebe no exemplo acima que indica o valor semântico que brilha.

6º Grupo:

- *E a *obstinação* da criança irrita-o ... (p.10);
- * (...) mas logo a *recordação* chegara (p.11);
- * Uma *ressurreição*. As cores da saúde... (p.16);
- * Uma *palpitação* nova (p.14).

Os nomes substantivos terminados em “ – ção” indicam uma situação não – acabada em curso. E mais, sobre o conceito de verbos causativos, os exemplos a seguir releva este caráter, por ter expresso um verbo com seu sujeito, e por haver verbo no infinitivo pode ser substituído por forma modal.

7º Grupo:

- *Impossível *abandonar* o anjinho aos bichos do mato (p.10);
- * Sem ânimo de *afrontar* de novo a luz dura, ...(p.13);
- * Receosos de *perder* a esperança que os alentava (p.13).

Os eventos pontuais instantâneos são compatíveis com locuções adverbiais e advérbios temporais pontuais e alguns advérbios de modo, tais como nos exemplos abaixo:

8º Grupo:

* Fabiana chegou às *duas horas* em casa.

Por esta visão de processo pontual, Ilari(2001,p.39), pautado na análise de Vendler, revela que “ todo processo tem alguma duração interna, mas a língua caracteriza alguns como pontuais. Os processos que a língua caracteriza como pontuais não são necessariamente breves”. Acrescenta o autor que “ processos que, (...), reagem de certa maneira quando submetidos a certos testes sintáticos – semânticos: aqui, chamaremos de pontuais aos processos que,(...) e ao receberem a aplicação de adjuntos”.

9º Grupo:

**Agora*, enquanto, parava, dirigia as pupilas(p.11);

* *Ainda* na véspera eram seis viventes (p.11);

* *Depois* iria dormir (p.16).

10º Grupo:

* (...) estirou o beijo indicando *vagamente* uma direção (p.10);

* *Certamente* esse obstáculo miúdo não era culpada (p.10).

Sobre os advérbios e as locuções referenciadas, Rodolfo Ilari(2001) em um dos seus trabalhos escritos chamado *A expressão do tempo em português*, apoiado na visão de Benveniste, releva o reconhecimento destes elementos, do segundo grupo, ancorados na enunciação um caso de dêixis.

Nesta visão de análise, Ilari, o autor nos mostra que (p.22) “a ancoragem textual e a ancoragem na situação de fala, descritas respectivamente como endofórica e exofórica”. Acrescenta-se mais o autor que “teriam em comum a propriedade de ser fóricas, ou seja, de identificar por remissão, numa espécie de “gesto de apontar.”

Valor durativo pode ser visto em eventos associados a uma duração, bem como nos verbos almoçar, pintar uma tela, correr a maratona, tocar de uma sonata, e em alguns substantivos entre outros. Exemplificando:

11º Grupo:

- * Arrastavam-se para lá, *devagar*, sinha Vitória ... (p. 9);
- * A *marcha*, e o vaqueiro precisava *chegar* ...(p.10);
- *(..) para bem dizer não se diferenciava muito da *bolandeira* de seu Tomás (p.14).

12º Grupo:

- * O vôo negro dos urubus .. (p.9);
- * A *marcha*, e o vaqueiro precisava chegar ...(p.10);
- * Tinham deixado os *caminhos*, cheios de espinhos e seixos .. (p.10);
- * Entregou a *espingarda* a sinhaVitória .. (p.10);
- * (..) *festas* de casamento, *vaquejadas*, *novenas*, tudo numa *confusão* (p.11);
- * O menino mais velho, *passada* a vertigem que o derrubara; (p.12);
- *(..) para bem dizer não se diferenciava muito da *bolandeira* de seu Tomás. (p.14).

Acrescenta-se, ainda, que situações dinâmicas estruturadas linguisticamente de forma homogênea ao longo da sequência de instantes que lhes é associada através dos verbos de base nominais, tais como correr, nadar, ler, ler romances, dormir, tocar um instrumento musical entre outros.

Exemplificando:

- * Os meninos foram *quebrar* um haste de alecrim para *fazer* um espeto (p.13);
- * Depois iria *dormir* (p.16).

Valor semântico de estado pode surgir com situações caracterizadas pelo traço [-Dinâmico], homogêneas e independentes da dimensão temporal que são incompatíveis com o aspecto *perfectivo* e, em princípio, não se combinam com a perífrase aspectual progressiva.

Exemplificando:

- *(..) e não guardavam *lembrança* disto (p.11);
- * (..) tudo anunciava *abandono* (p.12);
- * (..) receosos de perder *a esperança* que os alentava.

O valor semântico de estado pode acontecer quando essa combinação é possível, estando-se perante um estado temporário, que adquire características de atividade ou os estados exprimem propriedades, sentimentos, relações de localização, tais como ser simpático, ser alto, saber línguas, gostar de cinema, estar em casa, estar doente, ter amigos entre outros.

Exemplificando:

- * *Estar no pátio* de uma fazenda sem vida (p.12);
- * (...) o focinho *estava ensaguentado* (p.14);
- * A bolandeira *estava parada* (p.15);
- * Os infelizes (...) *estavam cansados e famintos* (p.09).

E por fim, sabe-se que alguns estados são implicados pela realização de um evento, da qual constituem a consequência. Designam-se neste caso por estados resultantes da ação.

4.2.2 Baleia

Nesta seção de análise, o conceito de aspecto será referenciado dentro do *corpus* do capítulo Baleia, do romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, que remeterá a noção aspectual através do tempo interno visto nas ações contidas dos personagens, bem como no relato do narrador sobre alguns episódios na obra : o desfecho da vida da cachorra Baleia e nos itens lexicais que fornecem o conceito de ação interna psicológica.

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo⁹ caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida. (2004,p.85)

O tempo interno e ação psicológica referenciados podem ser percebidos através do momento que o personagem Fabiano reflete sobre a necessidade de amenizar o sofrimento de Baleia. Exemplificando, “ *imaginara* que ela estivesse com um princípio de hidrofobia”.(RAMOS, 2004p.85).

Segundo Borba (1990, p.813), o verbo imaginar “indica ação, com sujeito **agente**.1. com complemento expresso por um nome abstrato/ oração, significa conceder, criar na imaginação”.

Francisco da Silva Borba, em Dicionário (1990, p.814) reforça a definição de Borba sobre o verbo e acrescenta que “expressões ocorrem em enunciados elíticos e fáticos”.

Caminhando pelo capítulo do romance, verificam-se também outros momentos que confirmam esse conceito aspectual , tempo interno, a ação psicológica, observável na ação de Sinha Vitória com as crianças para que as mesmas não interfiram na ação de Fabiano e, conseqüentemente não sofram, ao ouvirem o barulho da espingarda sobre Baleia. Neste momento, Sinha Vitória faz uma reflexão sobre a importância da cachorra - “ ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam ...” (2004, p.85). Veja o que diz Souza (2007, p,84) sobre o tempo verbal contido no verbo brincar:

Retomo Culioli (1980) e Campos ([1984, 1997]), que defendem que o imperfeito é marcador de translação. O localizador translato, a partir do qual o sujeito constrói o ponto de vista sobre o acontecimento, conserva todas as propriedades aspectuais do localizador de origem, daí resultante o carácter aberto, imperfectivo, das situações localizadas.

É possível observar que a ação psicológica é reforçada pelo emprego dos verbos “ser” e “ brincar” no pretérito imperfeito do indicativo para marcar a noção aspectual, assim como também pela semântica dos verbos. Ao segundo remete a ação com sujeito agente, que permite o apagamento do complemento para reforçar a noção durativa. O primeiro é composto de predicativo estático de inferência, isto é, o predicativo se refere ao sujeito com um dos seus traços essenciais. E mais, a

⁹ O trabalho manterá a grafia da obra consultada

noção de aspecto exprime a ação verbal no seu início, no seu desfecho, no seu curso, num de seus instantes e na sua frequência.

Por este turno, Francisco da Silva Borba (1990, p.1231) mostra que o verbo “ser” “compõe predicado estático de inerência, ou seja, o predicativo se refere ao sujeito com um dos seus traços essenciais”. Acrescenta ainda que “com sujeito inativo expresso por nome/ oração e com predicativo expresso por nome, adjetivo ou equivalente, estabelece uma relação de atribuição essencial com o sujeito”.

Exemplificando:

- * (...) esse obstáculo miúdo não era culpado (p.10);
- * Ainda na véspera eram seis viventes (p.11);
- * Aquilo era caça bem mesquinha (p.14);
- * Eram todos felizes (p.15).

Acrescenta-se ainda que na narrativa do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, no capítulo nove – *Baleia*-, há um dos elementos aspectual contido no que se entende por fluxo de consciência. Exemplificando:

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral ou metia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de roscas, semelhantes a uma cauda de cascavel (RAMOS, 2004, p.85).

O romance *Vidas Secas* é permeado por relevante expressividade estética, em que a questão da memória traduzida em palavras transmite uma experiência vivida. Experiência essa seguida de reflexão do homem aos momentos de antigamente que permanecem, mesmo que sem que deles se tome consciência, como motivos para o comportamento presente.

A memória reserva, com muito acerto, um espaço à parte para as lembranças de eventos que cada um vive como seus, em contraste com aquelas relacionadas ao modo de fazer e aos princípios gerais. E mais, o silêncio na obra de arte é o clímax da reflexão – ausência de algo. Exemplificando com uma cena da morte da

personagem seguida de lembranças, *Vidas Secas*, características humanas, (p.91) do capítulo nove - Baleia:

A tremura subia, deixava a barriga e chegava ao peito de Baleia. Do peito para trás era tudo insensibilidade e esquecimento. Mas o resto do corpo se arrepiava, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente Sinhá Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

A memória constitui elemento essencial para a construção da identidade. Desse modo, na elaboração de uma narrativa literária, muitas vezes, o ato de relembrar consiste, por parte do autor, no resgate de um tempo remoto, ao mesmo tempo em que funciona como o agente da construção de identidade das ações, pensamentos e sentimentos que compõem os personagens que ganham vida a partir desse exercício memorialístico.

Outra acepção do conceito de memória aponta para a questão da não repetição, da singularidade, de um fluxo temporal interior involuntário em que ele considera a verdadeira memória.

A modernidade imprime, no homem, a necessidade de reprodução sistemática e progressiva, relegando à memória a sedimentação do hábito, a fixação pela repetição, num esforço voluntário de se mergulhar nos profundos meandros das recordações do passado.

Em outros termos, o fluxo da consciência contido nos personagens transcreve o processo de pensamento integral deles, com o raciocínio lógico entremeado com impressões pessoais momentâneas e exibindo os processos de associação de ideias.

A característica não-linear do processo de pensamento leva frequentemente a rupturas na sintaxe, mostra-se o ponto de vista de um personagem através do exame profundo de seus processos mentais, borrando-se as distinções ente consciente e inconsciente, realidade e desejo, as lembranças da personagem e a situação presentemente narrada, etc. A profundidade e a abrangência desse exame é que faz com que o fluxo de consciência difira de um mero monólogo interior.

Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido. O estronho, a pancada que

recebera no quarto e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.

Provavelmente estava na cozinha, entre as pedras que serviam de trempe. Antes de se deitar, sinha Vitória retirava dali os carvoes e a cinza, varria com um molho de vassourinha o chão queimado, e aquilo ficava um bom lugar para cachorro descansar (2004, p.90).

Retornando o assunto em discussão sobre a noção aspectual, dentro deste *corpus*, o primeiro grupo abaixo apresenta verbos no infinito que possuem o tempo semântico marcado pela noção de ação/ processo com o sujeito experiencial podendo ter o complemento apagável, bem como o verbo “sofrer”, pela noção de processo pontual com o sujeito expresso por um nome animado – “morrer” – cessar a vida – e “morder” com o complemento apagável, pela noção de uma ação com o sujeito expresso por nome humano e com complemento exposto por um nome designativo de lugar – “rondar” e pela noção de ação/processo com o sujeito agente tendo o complemento expresso por nome no indicativo.

Exemplificando:

- * A cachorra Baleia estava para morrer(p.85);
- * A cachorra não *sofrer* muito (p.85);
- * Nesse momento Fabiano andava no *copiar*(p.87);
- *O desejo de *morder* Fabiano (p.89);
- * *Rondar* as moitas afastadas (p.90).

Para este grupo a seguir, a noção aspectual é marcada pela semântica dos advérbios e pelas locuções adverbiais que revelam, ao mesmo tempo, a noção de lugar, de modo e de possibilidade com o processo em ação. Travaglia(1994,p.272) atesta que “os aspectos em cuja expressão os adjuntos adverbiais atuam são o iterativo, o habitual, o durativo, o inceptivo, o terminativo e o acabado”. Acrescenta ainda o autor (273) que “é comum o adjunto adverbial reforçar o aspecto já expresso por outro elemento” e que “os adjuntos adverbiais que atuam na expressão do aspecto são quase sempre de tempo ou frequência” .

Exemplificando:

- * *Pouco a pouco* a cólera diminuiu (p.86);
- * *Nesse momento* Fabiano andava no copiar (p.87);
- * *Em seguida* entrou na sala (p.87);

No terceiro grupo, a noção aspectual é vista pelo processo de formação de palavras com sufixos que podem remeter a noção ação/processo acabado ou não-acabado nas categorias nominais a seguir.

Exemplificando:

- * *As pancadas* surdas da vareta na bucha (p.86);
- * O tiro e os *latidos* (p.87);
- * *Conteve a respiração* ...(p.89);

Por este turno, Costa (2002) orienta que o lexema não só verbal, mas de outras classes de palavras são passíveis de portar marcas aspectuais, como os substantivos, adjetivos, alguns advérbios e algumas conjunções que podem trazer a marca temporal do fato.

Convém acrescentar ainda que há outras categorias nominais capazes de representar semanticamente a noção referenciada do tempo indicando o processo durativo. Contrapondo a isso, Travaglia (1994, p.126) afirma que “como nos verbos, o fato de uma situação ser um evento, um processo ou um estado não nos permite falar na presença de aspecto pontual ou durativo”.

Exemplificando:

- *Mostrando apenas as *pupilas* negras (p.87);
- *Na *luta* que travou ... (p.86);

- * O *tiro* e os latidos (p.87);
- *A *tremura* subia .. (p.91).

Borba (2002,p.89), pautada em John Lyons, sinaliza que “nomes e adjetivos podem igualmente ter um caráter aspectual”. A autora afirma que esta noção fica “em evidência se se levam em conta as bases ontológicas sobre as quais repousam as distinções gramaticais entre diversas partes do discurso”.

O caráter aspectual pode também ser evidenciado pela semântica dos nomes indicadores desse processo, unido à noção de sujeito experimentador. Por este termo, entende-se que é aquele que expressa uma experiência ligada a uma disposição mental, uma emoção.

Exemplificando:

- * Mas teve *medo*(p.88);
- *O *desejo* de morder Fabiano (p.89);

Nos exemplos referenciados a seguir, a noção aspectual de ação, de processo acabado ou não pode ser observada nos excertos que apresentam adjetivos e verbos no particípio com valor adjetivo. Por este turno, o particípio marca o aspecto acabado apresentando a situação como concluída. Veja-os:

- * No pescoço um rosário de sabugos de milho *queimado* (p.85);
- * (...) orelhas *murchas* (p.85);
- * (...) os meninos *assustados* (p.85);
- * Ela também tinha o coração *pesado* (p.86);
- * A cadela *achacada* (p.86);
- * Nesta posição *torcida* (p.88);
- * Tinha folhas secas e gravetos *colados* (p.88);
- * Tinha folhas secas e gravetos *colados* (p.88);

- *A língua pelos beijos *torrados* (p.89);
- *Cerrou as pálpebras *pesadas* (p.89);
- * E consumira a existência em *submissão* (p.89);
- *Cerrou as pálpebras *pesadas* (p.89);
- * (...) O inimigo por baixo das pestanas *caídas* (p.89);
- * Rondar as moitas *afastadas* (p.90);
- * A boca *aberta*, os queixos *desgovernados*, a língua *pendente* (p.90);
- * Silêncio *completo*, .. (p.90).

E no último quadro de categorias nominais , a noção aspectual é marcada pelo própria semântica do léxico e por apresentar o verbo na forma do gerúndio, normalmente apontado como marcador dos aspectos não-acabados, cursivos e durativos.

Exemplificando :

- * *Batendo* castanholas com os dedos (p.87);
- * *Mostrando* apenas as pupilas negras (p.87);
- * *Chorando* alto (p.87);
- * *Cravando* as unhas no chão (p.88).

Para os exemplos acima, pode-se observar que a semântica dos verbos remete como indicador de ação/processo com sujeito agente causativo com complemento expreso por um nome indicativo- “ bater”+ “castanholas com dedos”; indica ação/processo com sujeito agente causativo com dois complementos, um expreso por nome concreto e outro beneficiário, apagável – “mostrar”; indica ação com sujeito agente com ou sem especificador – “chorar”; indica ação/ processo com sujeito agente causativo com dois complementos, um expreso por um nome concreto e outro locativo – “ cravar”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação buscamos descrever a noção da categoria semântica de tempo interno – ou aspecto verbal – com vista a uma análise da construção narrativa do romance *Vidas Secas*, do autor alagoano Graciliano Ramos. Nosso propósito, que modestamente julgamos alcançado, foi mostrar que a abordagem do aspecto enriquece sobremaneira a leitura do texto narrativo, especialmente quando neste se evidencia a valorização do desenrolar das ações e processos para além da simples cronologia dos acontecimentos.

É percebida também a importância da linguagem como um dos instrumentos de comunicação e de persuasão. Isto é, a linguagem como expressão da vida real.

Em outros termos, a linguagem, como bem nos revela Fiorin (2003, p.8), é:

Um fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios. É, ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica. Por isso, dizer que a linguagem sofre determinações sociais e também goza de uma certa autonomia em relação às formações sociais não é uma contradição.

Pensando nisto, depreende-se que a escolha do emprego do tempo verbal ajudará a direcionar o falante a atingir em seu discurso comunicativo sua meta/objetivo, dentro de seu contexto social de enunciação.

Quanto ao assunto que constituiu o foco da dissertação, foi possível comprovar que as noções de tempo: histórico e interno – aspecto do verbo – só podem ser observadas pela natureza semântica do verbo. Por este turno, a professora Maria Valéria Vargas (2011, p.11), em sua obra *Verbo e Práticas Discursivas*, construiu um quadro síntese sobre verbos:

i) as formas verbais são elementos fundamentais na formação do sentido dos enunciados e devem ser analisadas de acordo com a função que desempenham na construção do discurso;

ii) a tendência natural do sujeito que fala ou escreve é organizar os eventos que enuncia, sempre de acordo com o momento e o local em que se encontra;

iii) a organização temporal e espacial dos eventos é reveladora da intenção do sujeito de induzir seu interlocutor a tornar-se um co-espectador do processo expresso pelo verbo.

A professora revela também, apoiada nos linguistas franceses Antoine Meillet e Joseph Vendryes (1948), que a gramática comparada das línguas clássicas reconhecia duas formas de exprimir a processo verbal. A primeira, vista como as especiais por expressar as inúmeras (p.13) “modalidades do processo, de acordo com o que o constata (modo do indicativo), o que o imagina (subjuntivo), o que deseja (subjuntivo, optativo), o que o comanda(Imperativo)”.

A segunda, ditas de variadas por marcar as modalidades de duração, segundo a autora se “consideremos o processo verbal num ponto ou num conjunto de seu desenvolvimento, em seu começo ou em seu término, segundo o observemos como inacabado do ou concluído, limitando a si mesmo ou prolongado num resultado.”

Em outros termos, para as ditas especiais são as que se podem nomear na língua portuguesa com o processo verbal do tempo histórico – cronológico visto dentro dos compêndios da gramática.

Para as variadas são as entendidas como processo da categoria verbal do Tempo interno – aspecto verbal – foco deste trabalho – que se perdeu na organização dos tempos e dos modos do português.

E para finalizar entende-se que o tempo e o aspecto são categorias temporais, uma vez que ambas apresentam como base referencial o tempo real e não podem ser categorias excludentes dentro do enunciado linguístico do falante de sua língua.

REFERÊNCIAS

ABAUURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Ângela C.S. (Org.) *Gramática do português falado*. São Paulo: Unicamp, 2002. v.VIII.

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro. Ed. J. Zahar, 2004.

_____. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética. A teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário gramatical de verbos: do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1990.

_____. *Teoria sintática*. São Paulo: Edusp, 1979.

BOSQUE, Ignacio y DEMONTE, Violeta. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1999. 2 v.

BRAYNER, Sônia. *Graciliano Ramos: seleção de textos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. *Tempo, aspecto e modalidade: estudos de linguística portuguesa*. Portugal: Porto Ed., 1997.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

_____. *Dicionário de linguística e gramática*. São Paulo: Vozes. 1996.

_____. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Academia. 1967.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*, Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, Sonia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 2002. (Série Repensando a Língua Portuguesa).

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. Brasília: Brasília, 1975.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1977.

_____; CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. 41. Impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2003.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa do português*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. *Comunicação em prosa moderna*. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HILL, Archibald. *A aspectos da lingüística moderna*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

ILARI, Rodolfo. *A Expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, 2001. (Repesando a Língua Portuguesa).

JANSON, H.W.; JANSON, Antony F. *Iniciação à história da arte*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KREIDLER, Charles W. *Introducing English semantics*. Rio de Janeiro: Padrão, 1998.

KOCH, Ingedore G. Villaça (Org). *Gramática do português falado: volume VI: desenvolvimentos*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002.

LIMA, Luiz Costa. *Por que Literatura?* Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1969.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2002.

MACLENNAN, L. Jenaro. *El Problema del aspecto verbal: estudio crítico de sus presupuestos*. Madrid: Editorial Gredos. 1962.

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à estilística*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2003.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. *Gramática da língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença, 1924.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RECTOR, Monica, YUNES, Eliana. *Manual de semântica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: J.Olympio. 1998.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa Gramática Completa: teoria e prática*. 30.ed. São Paulo: Ed. Nova Geração, 2010.

SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

SOARES, Maria Aparecida B. Pereira. *A semântica do aspecto verbal em russo e em português*. Rio de Janeiro: PROED, UFRJ, 1987.

SOUZA, Otilia da Costa e. *Tempo e aspecto: o imperfeito num corpus de aquisição*. Lisboa: Colibri, 2007.

TRASK, R.L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 3. ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Centro de Ciências Humanas e Artes, 1994.

VALENTE, André Crim. *A Linguagem nossa de cada dia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997

VARGAS, Maria Valéria. *Verbo e práticas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011

VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell, 1967.

VILELA, Mario. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Ed. Almedina, 1999.